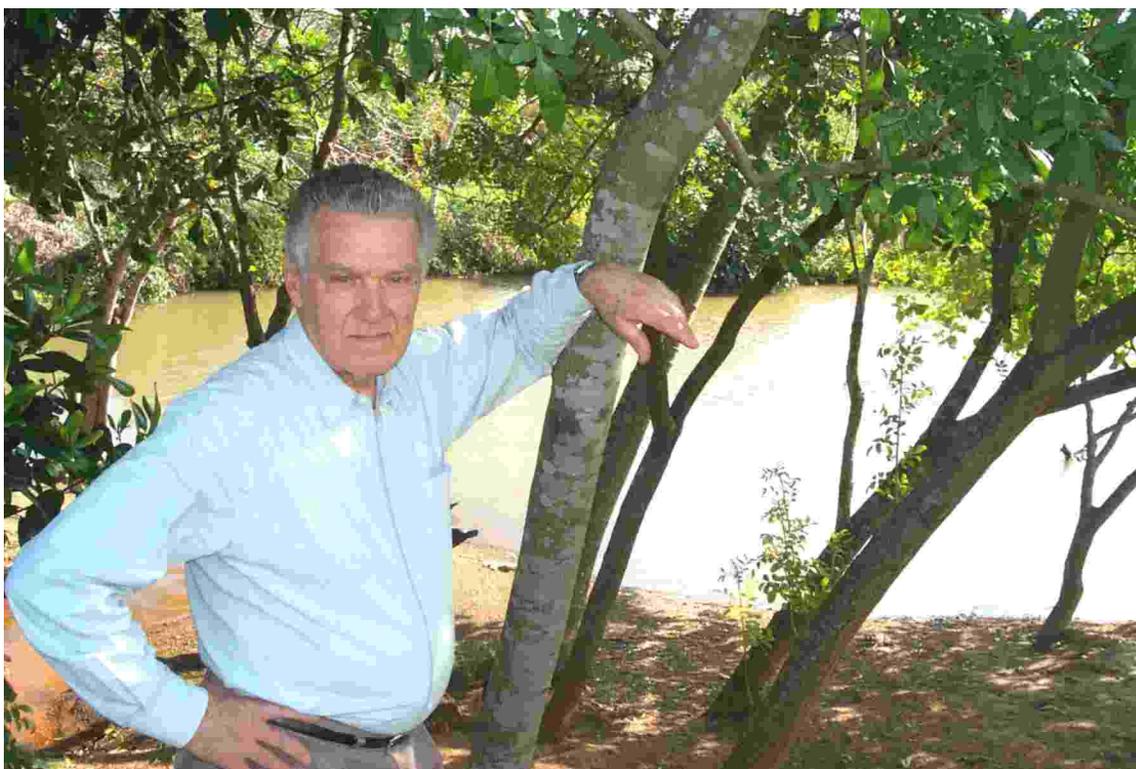


POR UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL
EM MEMÓRIA DO PE. CLEMENTE



EDITORIAL

*Quando estávamos preparando a pauta deste boletim, que teria como tema central o Ciclo de Estudos sobre **Ética, Religião e Sociedade Sustentável**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos e que realizará a segunda etapa neste final de semana, recebemos a notícia da morte do Pe. Clemente Steffen, professor e pesquisador do Centro de Ciências da Saúde da Unisinos. Sob o impacto da notícia, apesar do pouco tempo, devido o longo feriado, ousamos mudar a pauta e o que seria o tema central recebeu um outro tratamento. E o tema, que talvez recebesse uma abordagem mais teórica, acabou sendo moldado num testemunho vivo. A vida do Padre Clemente é o*

testemunho vivo da luta por uma sociedade sustentável. A ele a nossa singela homenagem ao celebrarmos a sua memória no sétimo dia do seu falecimento.

Neste número destacamos, ainda, o cenário pós-guerra. Ulrich Beck, Peter Sloterdijk, David Harvey e Mario Tronti, a partir de pontos de vista diferentes, sendo dois filósofos, com trajetórias políticas e teóricas diferentes, um sociólogo e um geógrafo, refletem sobre o mundo pós-guerra. Estas reflexões preparam os debates do **IHU Idéias** desta semana que terá como tema: **Shock & Awe. O Império precisa da guerra.**

Como lembra com pertinência J.Moltmann no artigo publicado neste número, “o messianismo da época moderna afirmava: com Deus nós vamos dominar a Terra e julgar os povos junto com o seu Cristo. Esse sonho messiânico tornou-se o pesadelo dos povos”. Daí ser urgente, e o testemunho da vida do Padre Clemente vai nesta direção, “uma revolução ecológica de nossa sociedade e uma “reformação” ecológica da religião do homem moderno”. A revolução ecológica, a luta por uma sociedade sustentável, requer que ‘reinventemos o mundo moderno, libertando o futuro da violência que emana da história moderna! Livremos das ruínas da razão histórica moderna a categoria teológica da Esperança!’ – conclui J. Moltmann. É nesta esperança que celebramos a memória do nosso irmão, colega, amigo, professor, padre Clemente Steffen.

CLEMENTE STEFFEN: UM DEFENSOR DA VIDA

A terça-feira passada foi um dia de grande tristeza no Campus da Unisinos pois professores, professoras alunos, alunas, funcionários e funcionárias e também plantas e animais perderam um grande amigo, o jesuíta e professor do Centro de Ciências da Saúde, Pe. Clemente Steffen. Ele faleceu no dia 14 de abril, vítima de câncer. Alunos, amigos, colegas, familiares e pessoas ligadas ao movimento ambiental prestaram sua última homenagem ao professor no Santuário Sagrado Coração de Jesus no dia 15 de abril.

Clemente Steffen tinha 77 anos de vida, 58 anos de Jesuíta e 45 de sacerdote. Natural de Santo Cristo (RS), foi ordenado jesuíta em 1958 e começou a lecionar em 1964. Formado em Teologia, Filosofia e História Natural, plantou a semente para instalação do curso de Biologia na Unisinos.

Projetos, como o Farmácia Viva: Projeto Carqueja, em Riozinho e expandido, depois, pela Assembléia Legislativa gaúcha a todo o estado, em 1998, tiveram no Padre Clemente um importante promotor.

Além de reconhecido pesquisador, padre Clemente também era referência para os colegas do Centro de Ciências da Saúde. Seu laboratório era um lugar de encontro, de cultivo das relações humanas em harmonia com o eco-sistema. Para aqueles que com ele trabalharam, um simples caminhar pelos corredores do Centro 2, fala da pessoa e da obra de Clemente. As plantas, os cheiros naturais dentro e fora das salas de trabalho, os verdes em todos seus matizes, dão ao Pe. Clemente uma presença que transcende os anos de vida já terminados.

A figura do Pe. Clemente caminhando pelo Campus, limpando as folhas secas de cada árvore, alimentando os patos ou cuidando dos preás, observando com atenção e carinho aquilo que com suas mãos, juntos com muitas outras, tinha plantado, parecia transparecer uma silenciosa paternidade sem fronteiras que fazia com que alunos, professores e tantos outros amigos que a ele se aproximavam se sentissem verdadeiros irmãos da natureza. IHU On-Line conversou com algumas das muitas pessoas que formaram parte da vida e do trabalho do padre Clemente Steffen.

A COMUNICAÇÃO DELE COM A NATUREZA ERA DE OUTRA ORDEM

Depoimento de Cornélia Volkart

A professora Cornélia Volkart, diretora do Centro de Ciências da Saúde, é mestre em Psicologia Social e Personalidade, graduada em Psicologia e Especialista em Metodologia do Ensino Superior. **IHU On-Line** entrevistou-a na editoria *IHU Repórter* na edição número 47, de 16 de dezembro de 2002 e a professora contribuiu na editoria *Sala de Leitura* do boletim na edição número 35, de 16 de setembro de 2002. Segundo a profa. Cornélia, o Pe. Clemente foi um dos principais construtores do Centro de Ciências da Saúde.

Construção do conhecimento

“Conheci o Pe. Clemente em 1984, quando entrei na Unisinos. Em 1994, quando assumi a direção do Centro, passei a interagir mais com ele. Ele foi uma pessoa muito importante na construção deste centro. Uma pessoa inteiramente querida, sempre disposta. Ele é uma marca do Centro 2. Em todos os corredores se sente sua presença. Entre todos os prédios do Centro há plantas medicinais que são laboratórios vivos. A construção do conhecimento em relação à saúde e ao ambiente, aqui, não segue o modelo curativista, os alunos de todos os cursos do centro convivem com as plantas o que dá uma formação integral; a aula sobre ecologia é permanente e atinge todos os alunos do Centro pela convivência com a natureza.

Cuidado das plantas

O Pe. Clemente cuidava pessoalmente de todas as plantas e sempre estava com alguém do lado querendo saber mais sobre isso, aluno, professor, ou alguma pessoa em busca de chás. Ele era uma biblioteca viva em relação a plantas medicinais. Dentro dos eventos do centro 2, o dia 14 de setembro, dia do aniversário dele, já era uma data consagrada. Ele gostava de que se fizesse festa. O Centro 2 sempre marcou as festas do tipo Advento, Natal, Páscoa, Ação de Graças. O Natal jamais o celebramos com pinheirinho artificial, ou coroa de advento artificial, não teria lógica, se são festas que levam à vida, os símbolos devem levar também, e o Pe. Clemente se ocupava dessas coisas. Se olharmos agora, na Semana Santa, em várias partes do Centro há marcela. Essas datas são para nós momentos de cultura que se comunicam através da natureza, dos cheiros, da beleza.

As aulas dele se davam muito ao ar livre em contato com a natureza, seja na Unisinos seja na Picada Verão, onde ele adorava levar os alunos. Ele trazia de lá o que chamávamos “água do Pe. Clemente”, água que sempre tinha na sala dele e que era pura de dentro da rocha.

Trilha ecológica

Ele ficava bravo quando eram feitas mudanças ambientais no Campus que podiam ir contra a natureza. Acompanhou muito bem o desmatamento do campus, alertando sempre o que devia ser cuidado. A trilha ecológica do Campus, para nós sempre foi a trilha do Pe. Clemente. Ele tinha muita vontade de um dia fazer uma horta ou pomar com e para os funcionários da Unisinos. O Projeto Farmácia Viva que o Pe. Clemente e sua equipe levaram a Riozinho deu vida à cidade trazendo às famílias uma outra possibilidade de renda.

Espiritualidade Inaciana

Para mim foi um apóio muito importante. Todas as dúvidas em relação à espiritualidade Inaciana eu colocava para ele. Ele me ajudou a construir minha caminhada.

Comunicação com as plantas e com os animais

Quando ele vinha chegando com o carro, os patos se posicionavam ao redor e sabiam que chegava a hora da comida. Como eu tinha um carro parecido, uma vez fiz o mesmo caminho recorrido pelo Pe. Clemente, mas os patos nem chegaram perto. A comunicação dele com a natureza, as plantas, os animais era de uma outra ordem, não foi aprendida nos livros. Ele gostava de todos os animais. Ele plantava plantas que atraíssem os animais.

Lutzenberger e Felipão

Nunca vi nele superficialidade, “faz de conta”, querer agradar, mas não conheço nenhuma pessoa que não gostasse do Pe. Clemente. Ele teve uma relação muito bonita com Lutzenberger. Ele era muito amigo do Felipão (Luiz Felipe Scolari) porque a esposa dele foi aluna dele. O Felipão vinha nos seus aniversários e trazia as camisetas das vitórias.

Resgate de suas atividades

O corpo dele foi embora, mas ele deixou tanta coisa, tão bem semeada que faz parte desta história. Na próxima reunião Acadêmica da Biologia, já tínhamos previsto, até antes de saber da doença, fazer a ele uma homenagem e fazer um resgate de suas atividades”.

“HAVIA UM CHEIRO BOM E UMA LUZ NAQUELA SALA”

Entrevista com Virgínia Koch

A Professora Virgínia Koch é Mestre em Agronomia, Especialista em Ecologia Humana e Graduada em Ciências Biológicas. É professora do Centro de Ciências da Saúde e desenvolve o projeto **Farmácia Viva Carqueja**, um convênio da Unisinos com a Prefeitura Municipal de Riozinho, Rio Grande do Sul. Ela já colaborou com o IHU, apresentando, no dia 24 de outubro de 2002, o tema *As plantas medicinais na vida da pessoa humana*, no **IHU Idéias**. Neste evento o Padre Clemente esteve presente. A professora foi entrevistada pelo *IHU On-Line* número 28, dia 29 de julho de 2002, sobre o projeto Farmácia Viva. Eis o depoimento que ela concedeu ao *IHU On-Line*:

“Conheci o Pe. Clemente em 1982. Eu era aluna de biologia na Unisinos. Íamos seguido acampar na Picada Verão, o segundo lugar que ele mais amava, o primeiro era o Campus da Unisinos. Naquela época, com uma turma de amigos do Pe. Clemente, íamos quase todos os finais de semana a campo, no ‘Brasília’ dele e com barraca dele. Caminhávamos muito no mato; ele de jeans remendado, pé descalço e um facão. Já no final do curso, ele foi meu orientador do Trabalho de Conclusão de Curso. Sempre continuei em contato com ele, depois de me formar, mas, em 1992, Pe. Clemente me chamou para trabalhar com ele no projeto plantas medicinais.

Patos, gansos e preás

Em maio de 92 iniciamos o projeto. Um projeto que não era só de pesquisa, que nos levou a arborizar com plantas medicinais todo o Centro de Ciências da Saúde da Unisinos e a fazer a praça que tem o nome dele. O legado mais importante que o Pe. Clemente nos deixou foi o amor à natureza; um amor, verdadeiro, puro e simples. Enquanto outros escreviam *papers*, ele

colhia marcela. Ele tinha duas grandes paixões: os patos e gansos, por um lado e os preás, por outro. Ele era como uma criança, gostava de que fizéssemos uma festa no seu aniversário, gostava de receber presente e, mais ou menos, cada ano dava uma dica do que queria ganhar. Quando ele completou 70 anos, inauguramos a praça do Centro 2 com o nome dele e fizemos uma grande homenagem com uma placa na praça, uma exposição de fotos da vida dele, uma barraca com fogo, chimarrão e o infalível churrasco.

Aula com paixão

Ele dava aula com muita paixão. Para mim, ele já não tinha condições de dar aula porque se cansava muito, mas fazia questão. No dia 23 de outubro do ano passado, ele chegou de manhã e não me reconheceu, notamos que não estava nada bem, foi quando se manifestou doença, mas, na parte da tarde, melhorou e ainda deu aula.

Cheiro bom e luz na sala

A sala dele era uma atração para todos. Na minha época de estudante, lotávamos a sala, tomávamos chimarrão e conversávamos sobre como ser biólogo. Sempre havia um cheiro bom naquela sala, uma coisa boa, uma luz, a luz das plantas e a luz dele. Pe. Clemente tinha uma biblioteca particular com livros fabulosos. Havia ali, desde Asterix e Herni Potter até livros científicos raros e caríssimos, porque para ele havia que trabalhar e estudar de bom humor. Muitos dos livros se perderam, porque ele fazia questão de empresta-los, o que era dele podia ser de todos.

Incêndio: o que éramos, ainda somos

Clemente tinha uma frase que sempre repetia e que ele mesmo tinha dito quando queimou todo o material de biologia na antiga sede da Unisinos: “O que tínhamos, não temos mais, o que fazíamos, não fazemos mais, o que éramos, ainda somos”. Significa que enquanto nós estejamos podemos construir tudo de novo. Tinha também uma filosofia de vida, inspirada numa frase que estava no espelho do seu barbeiro: “se não vives para servir, não serves para viver”. A grande filosofia dele era servir.

Projeto Carqueja

O Projeto Carqueja, foi uma parceria da Universidade com a Prefeitura de Riozinho. Lá plantamos ervas, produzimos medicamentos fitoterápicos que eram distribuídos gratuitamente à população. Trata-se de um projeto social que resgata plantas. Se faz ciência resgatando a sabedoria e a dignidade da população, de uma maneira agradável, cheirosa. Esse projeto tem a nossa cara; um projeto pequeno, firme. Proximamente vamos publicar um estudo etno-botânico das plantas medicinais da comunidade italiana de Riozinho. Pesquisamos mais de 200 plantas ligadas a uma etnia, mais adiante faremos também com a comunidade polonesa e a indígena.

Etno-botânica

Nossa linha de pesquisa é a etno-botânica que fecha com a proposta da Universidade e a vida do Clemente: uma linha humana e social. Isto vai continuar, porque nós assim o decidimos. Faremos ciência sem esquecer a pessoa humana. Tudo será direcionado nesse sentido, até as nossas salas, que quando as pessoas entrem percebam que aqui se trabalha com planta e com gente. Clemente nos ensinava sempre que tudo o que fazemos, cada aula, cada curso, nos tinha que transformar em melhores pessoas”.

JUSSARA CONY :**“UM DIA NOS REENCONTRAREMOS E COLHEREMOS OUTRAS PLANTAS”**

Jussara Cony é deputada Estadual (PC do B). Farmacêutica, com especialização em Indústria de Medicamentos e de Alimentos, é Mestre em Análise, Síntese e Controle de Qualidade de Medicamentos pela Faculdade de Farmácia da UFRGS. Jussara é mãe de cinco filhos e avó de 17 netos. Após participar do velório e do enterro do Pe. Clemente, seu entranhável amigo, a deputada conversou com *IHU On-Line* sobre essa amizade.

“Foi uma grande perda. Conheci o Pe. Clemente em 1998, no Segundo Seminário Botânico de Gramado. Eu estava lá representando a Assembléia quando conheci o projeto Farmácia Viva do Pe. Clemente. Me impressionou muito a exposição do Projeto Carqueja, em Riozinho. Então me aproximei do Pe. Clemente e me apresentei. Como eu sou farmacêutica, aquilo mexeu muito comigo, e a figura do Pe. Clemente e da Virgínia, naquele encontro, foi me envolvendo até que terminei dizendo a eles que aquela novidade que envolvia a universidade e a comunidade tinha que dar um salto e chegar à Assembléia Legislativa. Eu propus fazer um seminário sobre plantas medicinais e foi assim que surgiu o Fórum pela vida, inspirado pelo Pe. Clemente e sua equipe. Em junho daquele ano, aconteceu o primeiro seminário, que reuniu 800 pessoas na Assembléia. Esse evento levou à instauração da política intersetorial de plantas medicinais, aplicada no ano 2000, pelo Governo de Olívio Dutra. O Pe. Clemente foi um grande mestre, quanta gente ele formou no silêncio? Ele me ajudou a caminhar, tivemos uma enorme amizade com grande respeito mútuo e, de minha parte, um agradecimento eterno por esse seu trabalho escondido.

O quinto seminário Estadual do Fórum pela Vida que acontecerá este ano, será dedicado à memória dele. Com ele aprendi não só de plantas; me ensinou a fazer uma análise mais tranqüila das coisas, a buscar o melhor que a gente pode dar. Estabelecemos uma cumplicidade que só pode existir entre pessoas que querem construir um novo mundo. Ajudou-me a melhorar como pessoa, a abrir espaços para a transcendência e buscar a espiritualidade, para poder sobreviver em um mundo tão conturbado. Ele trabalhou sem descanso pela qualidade de vida. Não guardou o conhecimento para ele mas o respeitou como patrimônio da humanidade e o passou adiante. Se em cinco anos de amizade com ele, eu cresci na minha responsabilidade política e no meu compromisso profissional, quanto bem deve ter semeado ao longo de toda sua vida. Com certeza, ao colher a marcela nesta Semana Santa, o farei na sua homenagem. E quando me encontrar com ele novamente - tomara seja digna - colheremos outras plantinhas”.

TELMO TIAGO SILVA:**A AMIZADE NA SALA DE AULA LEVA A CRIAÇÃO DE UM PROJETO SOCIAL**

Telmo Tiago da Silva, 64 anos, aposentado, lembra com emoção quando conheceu o Pe. Clemente, na década de 80, quando foi seu aluno na disciplina de antropologia, no Curso de Serviço Social. Telmo foi duas vezes Secretário de Saúde e Ação Social de sua cidade, Igrejinha, e cumpriu também dois mandatos da mesma Secretaria no Município de Riozinho. A amizade dele com o Pe. Clemente que começara na sala de aula estendeu-se ao longo de toda a vida e trouxe consigo importantes projetos que beneficiaram ambas cidades.

“Fizemos uma grande amizade e ambos nos interessamos cada vez mais por toda a questão das plantas medicinais. Numa viagem a Fortaleza, eu conheci um projeto chamado Farmácia Viva que, quando voltei, comentei com ele. A partir disso fomos juntos a Riozinho, que eu achava que lá teria um grande potencial para desenvolver as plantas medicinais. Em 1995,

levamos a idéia para o Prefeito e ele cedeu uma escola que estava desabitada. Batizamos o Projeto de Projeto Carqueja. Com Pe. Clemente e a profª Virgínia fizemos um projeto para realizar um trabalho etno-botânico com 42 famílias.

No início, o Pe. Clemente ia nas regiões do interior a falar sobre o projeto. As pessoas mostraram um interesse tão grande que começaram a trazer, elas mesmas, diversas plantas para fazer a horta, na escola. Uma horta que se converteu também em um pequeno laboratório para estudantes de biologia. As famílias começaram a valorizar as plantas e seu efeito curativo. As pessoas de idade resgatavam conhecimentos de suas bisavós em relação a isso. O projeto trouxe muita vida à cidade. Eu atualmente estou aposentado, mas tenho, além de minha horta com mais de 200 plantas, que está aberta à Comunidade, quatro trabalhos voluntários com plantas medicinais; um deles é uma horta em conjunto com a Apae. Foi a semente do Pe. Clemente que floresceu na minha vida. Nele me chamava a atenção seu grande conhecimento e seu desejo de pesquisar sempre mais. Ele tinha uma comunicação incrível, porque, a pesar de ser reservado permitia uma intimidade muito grande. Ele atendia com a mesma simplicidade e humildade às pessoas do interior, às autoridades, aos pesquisadores e doutores. O melhor que Deus botou no meu caminho foi a possibilidade de conhecer o Pe. Clemente”

PE. CLEMENTE STEFFEN E JOSÉ LUTZENBERGER

Após a morte de José Lutzenberger, no dia 14 de maio de 2002, o Pe. Clemente Steffen concedeu uma entrevista a IHU On-Line (edição número 18, dia 20 de maio de 2002), falando sobre sua amizade com o ambientalista. Reproduzimos alguns trechos desta entrevista.

A nossa amizade nasceu na Agapan

IHU On-Line - Como conheceu José Antônio Lutzenberger?

Clemente Steffen - Conheci Lutzenberger, quando ele começou a fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) em 1971. Nesse ano, começaram as manifestações pela preservação do meio ambiente. Eu era já professor de Ecologia na UNISINOS, que, naquela época, ainda não tinha esse nome. Foi fácil estabelecer o contato com Lutzenberger. Tínhamos muitas coisas em comum. A criação da Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Natural surgiu da preocupação ambientalista de alguns professores e alunos e outros ambientalistas como Lutzenberger.

IHU On-Line - Depois de uma convivência tão próxima, como o senhor o descreveria?

Clemente Steffen - Lutzenberger chegava a ser um fanático pela preservação da natureza. Era violento. Estourava na hora. Dizia as coisas. Defendia suas idéias com unhas e dentes. Dessa forma, arranjava amigos e inimigos. Tinha grandes ideais e não tinha medo de defendê-los e enfrentar quem quer que fosse. Seu lado humano era muito rico. Era muito dado com os amigos. Não era uma pessoa de ficar ouvindo. Você podia começar com uma idéia, mas ele tomava a palavra e, realmente, não dava chute, dominava qualquer matéria. Tinha uma formação cosmopolita. Assinava inúmeros jornais e revistas. Viajou por todos os continentes. Tinha autoridade para falar e aproveitava isso.

IHU On-Line - Numa série de frases de Lutzenberger, publicadas pelo Jornal Zero Hora do dia 14 de maio, ele disse "que os padres são mais safados que os comunistas, porque oferecem o paraíso para depois da morte, quando já não é possível cobrar nada deles". O senhor é padre...

Clemente Steffen - Ele sabia brincar. Entre nós nunca falamos sobre religião. De fato, nem sei se era católico ou luterano. O que posso afirmar é que conheci muito bem seus valores. Era extremamente honesto, incapaz de mentir, autêntico em extremo. Nem conseguiria imaginar o

Lutzenberger sendo falso ou enganando alguém. O que pensava dizia na hora. Era um homem muito sadio nos seus costumes. Não tinha vícios.

IHU On-Line - Quais eram as grandes idéias que ele reiteradamente defendia?

Clemente Steffen - Ele era contra o homem tecnológico que usa mal a natureza. Via que o desenvolvimento da humanidade tinha ido por um caminho errado, contra a natureza. A humanidade entrou em crise com a tecnologia e para corrigir os erros usa mais tecnologia. Opunha-se a uma concepção de economia como aquela que determina tudo. Ele entendia de natureza, economia, química, astronomia, matemáticas...e gostava de dissertar sobre a economia mundial. Qualquer situação era propícia para explicar suas teorias. Sempre andava com um bloco e uma caneta no bolso e, em qualquer momento, um almoço, uma conversa informal, começava a desenhar esquemas, explicando suas idéias. Ele era um grande crítico dos desvios que degradam a natureza, seja em seu aspecto biológico, físico, humano, etc.

IHU On-Line - Como ele ensinava uma forma alternativa de cuidar o ecossistema?

Clemente Steffen - Um claro exemplo é o Rincão de Gaia. Ele comprou uma área no meio de uma fazenda no Município de Pantano Grande, para mostrar, na prática, como tornar ecologicamente sadia uma área degradada. Plantou, deixou a natureza se recuperar, criou animais, tornou a área útil. Transformou-a num local onde demonstrava como criar galinhas e usar o adubo para cultivar plantas aquáticas que, por sua vez, alimentavam as galinhas. Tinha diversas práticas de agricultura sustentável, criação de porcos e outros animais que tratava de forma diferente. Lá havia cursos de ecologia, plantas medicinais e muitos outros. Construiu casas à base de madeira e palha para hospedar e dar aulas, o mais natural possível.

IHU On-Line - Qual era sua relação com a Universidade?

Clemente Steffen - Ele veio diversas vezes, à Unisinos para dar palestras relacionadas à área de Biologia, de Física, Economia, etc. Inclusive este ano, a Associação Verde Campus, setor da Diretoria de Administração do Campus (DCAM) ia convidá-lo para participar do dia do meio ambiente.

ANÁLISE DE CONJUNTURA

*Qual é o mundo pós-guerra que emerge? Este será o tema do próximo **IHU Idéias**, no dia 24 de abril, cujo tema é **Shock & Awe. O Império precisa da guerra**. Preparando o debate da próxima quinta-feira, o **IHU On-Line** auscultou algumas vozes, através de alguns jornais do mundo, que podem nos ajudar a iniciar a responder a esta pergunta.*

ULRICH BECK E O PÓS-GUERRA

Uma primeira voz que auscultamos é a do sociólogo alemão Ulrich Beck. U. Beck é professor na Universidade de Munique, na Alemanha e na London School of Economics, na Inglaterra. Ele é autor do importante livro **Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne** (A sociedade do risco. Por uma segunda modernidade), Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996 (traduzido, entre outras línguas, para o inglês e o italiano). Outro livro importante é **Schöne neue Arbeitswelt. Vision: Weltbürgergesellschaft**, Frankfurt am Main: Campus Verlag GmbH, 1999. Temos à disposição a tradução italiana: **Il lavoro nell'epoca della fine del lavoro. Tramonto delle sicurezze e nuovo impegno civile**, (O trabalho na época do fim do trabalho. Ocaso das seguranças e novo comprometimento civil) Torino: Einaudi, 2000. Em

português, além de artigos, foi publicado o livro **O que é a globalização. Equívocos do globalismo. Respostas à globalização**, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

*Analisando o panorama pós-guerra, ele concedeu uma entrevista ao jornal italiano **Il Manifesto**, de 18 de abril de 2003. Traduzimos alguns extratos desta entrevista.*

Fundamentalismo religioso

“Choca-me muito que a maior potência militar do mundo e talvez da história, os EUA, se sinta ameaçada pelo fundamentalismo religioso. Não acredito que o terrorismo fundamentalista tenha a capacidade de destruir os EUA. Nos discursos da administração americana emerge a obsessão pela segurança nacional, enquanto nenhuma palavra é dita para explicar o fenômeno. Para mim, o fundamentalismo religioso é a reação, não de quem se opõe à globalização, mas de quem é excluído. Se poderia dizer que também aqui estamos frente ao nó político da redefinição entre quem está dentro e quem está fora da sociedade global”.

Europa e EUA

“Se olharmos para as relações dos EUA com a Europa podemos constatar que os americanos pensam que não há problemas globais, enquanto os europeus acham que sim. Bush refutou assinar o tratado sobre o clima de Kyoto porque pensa que o aquecimento do clima é um problema local. Ao mesmo tempo a Casa Branca acredita que os organismos geneticamente modificados não comportam nenhum risco, chegando a acusar os europeus de camuflar o protecionismo no confronto com as empresas americanas usando as preocupações com o ambiente. O único problema global para os americanos é o terrorismo, ou seja, a rede terrorística transnacional que os ameaça de ataque. Temos assim duas idéias completamente diferentes sobre as prioridades políticas”.

Guerra e crise do neoliberalismo

“Concordo com aqueles que defendem a idéia de que a guerra pode ser explicada com a crise do neoliberalismo. Mas a única maneira de sair da crise do neoliberalismo é ir além do modelo social, econômico e político neoliberal. Inclusive porque o neoliberalismo não é a solução dos problemas globais do mundo, mas é parte do problema. Nos últimos anos, as desigualdades entre ricos e pobres se radicalizaram em nível planetário; a degradação ambiental se acentuou, a insegurança é o sentimento dominante tanto na Europa quanto nos EUA; a precariedade, enfim, se tornou uma constante na vida dos homens e mulheres. O sonho que a solução de todos os problemas era o mercado se dissolveu quando se acordou, isto é, quando ficou claro que a mão invisível do mercado cria custos sociais altíssimos, custos que as sociedades capitalistas não podem, no longo prazo, suportar”.

A sociedade civil global

“A presença da sociedade civil global pode representar uma chance política para quem não acredita no unilateralismo dos EUA”.

“Vivemos num mundo complexo, onde todos querem contar. Isto vale para os estados nacionais, para o capital global, para a sociedade civil global. Acabei de terminar um livro onde procuro conceitualizar as conseqüências da ação dos movimentos sociais globais e me coloquei uma pergunta inicial: onde nasce a legitimação política? A filosofia e a sociologia política deram uma resposta unívoca: a legitimidade de uma posição política nasce no âmbito do estado nacional. Desde alguns anos, isto não é mais assim. A política está migrando do

estado nacional buscando ser acolhida num âmbito alargado, enfim, global. O mesmo fenômeno diz respeito ao capital, que numa dimensão nacional assumiu progressivamente um horizonte mundial. O mesmo fazem os movimentos sociais. Consequentemente, encontros que tem um horizonte mundial são considerados importantes porque o G8 e a OMC são considerados lugares importantes para a construção da legitimidade política desta ou daquela proposta”.

“Os movimentos sociais, por sua vez, tiram a sua legitimação da sua ação que busca soluções globais a problemas globais. Mas é importante perceber que há uma especularidade entre eles e o comportamento do capital global, que propõe soluções globais para problemas econômicos globais. E é do capital global que podem surgir surpresas. Por exemplo, as empresas mais globalizadas dos EUA não deixaram de exprimir dúvidas sobre a doutrina da administração Bush. Claro, o início da guerra pelos EUA fez com que, momentaneamente, todos os americanos se unissem em torno de Bush, mas isto não significa que no futuro vai ser assim. A crise do neoliberalismo já estava tornando evidente que o capital global se estava dividindo em duas facções: uma cosmopolita, a outra fortemente neoliberal, mas em base nacional. No futuro essa divisão será cada vez mais evidente e ela terá um papel na arena global. Podemos vislumbrar a previsão de que esta divisão se refletirá nos trabalhos do G8 e da OMC”.

A primeira guerra contra o risco global

*Ulrich Beck no artigo ‘A primeira guerra contra um risco global’, publicado no **El País**, em 12 de abril de 2003 escreve:*

“A distância da Europa dos EUA, hoje, consiste na tremenda diferença da percepção do risco. Com as imagens terríveis do 11 de setembro se gravou a sangue e fogo o risco terrorista global na visão americana do mundo. A guerra do Iraque é a primeira guerra contra um risco global. É o novo perigo humano do terrorismo nuclear que – aos olhos dos norte-americanos – deu uma virada radical a partir do 11 de setembro à questão da segurança, enquanto que os europeus consideram este novo perigo para a humanidade como uma histeria dos norte-americanos”.

“Os americanos têm ante seus olhos o horror do terror, enquanto que os europeus vêem o horror da guerra. A verdade é que não há maneira de compreender de como se pode exorcizar o horror do terror com o horror da guerra sem conjurar a visão apocalíptica da guerra eterna”.

“No que diz respeito às diferenças transatlânticas, há paralelismo que merece ser destacado. Assim como os que se opõem às centrais de energia atômica consideram que uma probabilidade de 1% acontecer um acidente nuclear já é um risco totalmente irresponsável e, portanto, rechaçam apaixonadamente o uso pacífico da energia atômica, assim há muitos americanos que consideram totalmente irresponsável admitir a existência de uma probabilidade de 1% de que os terroristas utilizem armas de destruição massiva, e por isso apoiam (com a maior tranquilidade de consciência) a invasão do Iraque”.

“Os dois movimentos – o movimento contra a energia nuclear e contrário ao Estado e o movimento contra o terrorismo e constitutivo da hegemonia do Estado – nos ensinam que há uma fonte sociológica de legitimidade de novo tipo, que é de modo alarmante não legal, fora do controle democrático e transnacional. Esta fonte surge da promessa de libertar a humanidade dos perigos da civilização produzidos pela civilização”.

“Assim como os americanos estão absolutamente seguros da realidade do perigo terrorista das armas de destruição massiva, também os europeus estão convictos dos perigos que comporta para a humanidade a catástrofe climática, os ‘alimentos tipo Frankenstein’ modificados geneticamente etc.”

“NÃO É PRECISAMENTE A INSEGURANÇA DE TODAS AS PARTES QUE ALIMENTA O FUNDAMENTALISMO DE TODAS AS PARTES?”

Peter Sloterdijk – filósofo alemão

*Uma segunda voz é a de Peter Sloterdijk, filósofo alemão, por ocasião do lançamento do primeiro volume, em espanhol, da trilogia Esferas, concedeu uma longa entrevista ao jornal **El País**, em 12 de abril de 2003.*

*O primeiro volume de **Esferas**, intitulado **Borbulhas** trata das formas primordiais da intimidade, formas dúplices, matriciais (a de Deus e sua criatura, a dos amantes) que como borbulhas estão destinadas a se estalar para, a partir dos seus resíduos, dar lugar a novas formações esféricas ampliadas. O segundo volume, intitulado **Globos**, se abre ao mundo histórico-político. Das esferas bipolares se passa para as formações complexas: os povos, os impérios, as igrejas e os Estados nacionais modernos. A modernidade é um fenômeno de descentramento ao invés de globalização. O terceiro volume, intitulado **Espumas**, se ocupa do mundo poli-esférico no qual vivemos, já que ele não é um globo mas uma espuma. Não há centro porque tudo se converteu em centro. O mundo virtual não é um mundo globalizado mas de espumas. As espumas isoladas não são integradas num hiperglobo único mas são concentradas em grandes montes irregulares. A fenomenologia das espumas se converte numa teoria do amorfo, os mercados mundiais e a diversidade midiática. O que aparece sob o nome de globalização é a guerra das espumas.*

Eis alguns extratos da entrevista:

Ocidente em crise: sem ofertas morais e políticas razoáveis

“Acredito que o choque de civilizações (postulado por Samuel Huntington) é uma ficção pela simples razão que as tecnologias básica nas quais se erigem as formas de afrontar a vida são as mesmas em ambas as culturas. Estou convencido que civilização e técnica são termos quase sinônimos. O grande conflito, sim, radica em que o Ocidente não conta mais com ofertas morais e políticas razoáveis para o Oriente Próximo, para a África e grande parte da Ásia. A exportação do Estado nação resultou numa quimera. Em muitas culturas não europeias, as pessoas têm que buscar novas fontes de sentido e novas fontes de ordem social, e a retórica ocidental de direitos humanos e Estados nacionais ficou curta na hora de se confrontar com os problemas diários. Este vazio é uma das razões pelas quais o islã ou as religiões domésticas, como o hinduísmo e o animismo, conseguem uma afluência cada vez maior. São energias comunitárias que interpretam mentalmente necessidades vitais imediatas. A vida sempre se nutre de duas fontes: da técnica da vida e da inspiração moral. Neste último nível, o islã é insubstituível para muitas pessoas. Ele poderia ser substituído pelo cristianismo que está à altura do alcance moral, mas os cristãos são muito acomodados, tal como os soldados americanos na guerra. Não querem ser mártires, como tampouco querem combater como os soldados. Ou seja, o Ocidente carece de um sentido de martírio: o cristianismo moderno é uma religião pós-heróica enquanto que o islã é ainda heróico”.

“Há duas catástrofes climáticas que planam sobre a Terra: a da atmosfera planetária e da atmosfera moral. Se nos encontrarmos uma nova técnica para diminuir a desigualdade entre ricos e pobres, o século XXI, seguramente, será pior do que o século XX”.

Século XXI: luta moral universalista

“Creio que no século XXI assistir-se-á algo como a última luta da moral universalista. A pergunta é se conseguiremos ou não estabelecer um princípio de bem-estar universal ou, pelo contrário, nos teremos que acostumar, de uma maneira mais aguda, com que a desigualdade tenha a última palavra e que os ricos, graças também aos avanços da medicina e da genética, sejam os felizes proprietários do potencial antropológico, sendo o resto da humanidade excluído. Esta disputa terá lugar no interior do Ocidente, porque é o cenário da ambição universalista. Veremos se a pugna entre os EUA e a Europa evolui nesta direção. É possível que o universalismo volte para a Europa e seja defendido desde aí, e é também possível que os norte-americanos impulsionem ofensivamente uma política da seleção e optem por uma postura anti-igualitária e plutocrática. Não tem importância se isto se chamará de fascismo ou não. Todos estes termos históricos acabam perdendo significado. O provável é uma plutocracia anti-igualitária de seleção no sentido de que os ricos são os verdadeiros seres humanos”.

DAVID HARVEY – GEÓGRAFO AMERICANO

*David Harvey foi professor de geografia na Universidade Johns Hopkins, em Oxford, Cambridge e agora é professor na City University de Nova York. Ele é autor do importante livro **A Condição Pós-Moderna** (original: The condition of Postmodernity 1989), São Paulo: Loyola, 1992. Por ocasião da tradução espanhola do seu livro **Spaces of Hope**, (California University, 2000), Espacios de esperanza, onde trata da globalização e o corpo, o jornal espanhol **El País**, de 19 de abril de 2003, publicou uma longa entrevista com ele. Desta entrevista extraímos os seguintes trechos:*

A guerra: debilidade dos EUA

“Depois do dia 15 de fevereiro vemos como o mundo se está abrindo a uma globalização alternativa apesar de seguirem existindo muitas dificuldades para articular uma política diferente de uma simples política de resistência. Temos que ser muito cuidadosos quando olhamos a posição dos EUA para, p. ex., não acabar apoiando Chirac. Clinton soube disciplinar o mundo com mecanismos como Wall Street ou o FMI. Agora Bush não os leva em conta. Por isso a opção militar no Iraque implica um fracasso ou uma debilidade. Não há nenhuma região do mundo onde não se encontra manifestações de ira e descontentamento com o sistema capitalista. Mas estes movimentos não significam que sejam pró-socialistas. Os sentimentos anticapitalistas de base ampla carecem de organização e expressão coerentes. Para mim, uma das virtudes históricas do marxismo foi o seu empenho em sintetizar as diversas lutas, com objetivos múltiplos, num movimento anticapitalista mais universal”.

França, Alemanha e Rússia

“Um dos momentos mais extraordinários para mim foi quando os ministros de Assuntos Exteriores da França e Alemanha pediram aos EUA que não atacasse o Iraque. Rússia apoiou esta idéia, o que significa que há uma configuração geopolítica euro-asiática que se está alinhando contra os EUA. Claro que isto pode produzir uma situação leninista de rivalidade entre impérios muito perigosa que talvez leve a uma guerra em grande escala daqui a 20 anos”.

O Choque das Civilizações e O Senhor dos Anéis

“Huntington (autor do livro **Choque das civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 456 páginas), demonstrou que é possível converter teses estúpidas em verdade. Saddam invocava o deus do islã e sua civilização, um reflexo de Bush invocando a seu deus, a liberdade e a civilização.

Tudo se reduz a uma luta entre o bem e o mal, a uma espécie de filme de Hollywood com Saddam no papel de Mordor (O Senhor dos Anéis); Bush no de Frodo e Blair no papel de Jam”.

MARIO TRONTI – FILÓSOFO ITALIANO

*Mario Tronti, professor de filosofia política na Universidade de Sena, participou na aventura intelectual dos Quaderni Rossi e Classe Operaia e foi um dos principais teóricos e dirigentes da experiência do operismo italiano. É autor, entre outros livros, do livro **La política al tramonto**, publicado em 1998. Concedeu uma longa entrevista ao jornal italiano **Il Manifesto**, em 11 de abril de 2003, da qual publicamos os seguintes extratos:*

“A classe dirigente que tomou o poder nos EUA tem, indiscutivelmente, um Dna muito agressivo, mas essa agressividade assinala, no meu modo de ver, uma posição de relativa fraqueza. A força militar e tecnológica despejada sobre o Iraque é, evidentemente, desproporcional com respeito ao objetivo relativamente fácil de ser atingido. O que significa esta contínua suprema exposição de força ante o mundo? Uma potência realmente segura de si não teria tal necessidade. A verdade é que, enquanto alimentam a imagem de um poder em contínua ascensão econômica, política e geoestratégica, os *neoconservatives* percebem o declínio da hegemonia dos EUA, da *civilization* americana que levou ao pleno êxito a grande aventura da modernidade ocidental. E deduzem que a primeira coisa a ser feita é estancar este declínio para depois retomar a ascensão. Eles tem uma obsessão, o advento do século asiático depois do século americano, uma espécie de fatalidade que faz com que acusem a Europa de se resignar frente a esta fatalidade”.

“Sim, o grito de Huntington parte deste diagnóstico(segundo o parágrafo acima). Como pensador realista que é, Huntington individuou o ponto, ainda que tirasse conclusões erradas. Na escolha estratégica da ‘guerra preventiva infinita’, e já antes nos documentos dos anos 1990 que a preparavam, todo este substrato de medos veio à ribalta: mais que um *eskaton* vejo um *katechon*, mais que a idéia de uma salvação a ser alcançada, há a tentativa de bloquear uma catástrofe iminente. Esta estratégia indica uma fraqueza americana. Um poder verdadeiramente hegemônico, frente a uma crise do Ocidente que fazia entrever a contaminação com outras civilizações, teria escolhido o caminho do confronto, da inclusão, da integração, não do aniquilamento”.

“Deve existir uma Europa-poder, isto é uma Europa capaz de fazer da força um contraste ao unilateralismo americano. Passamos catorze anos falando dos desastres do velho bipolarismo, e eis agora imersos nos danos do novo unilateralismo. Não soubemos fazer as contas verdadeiramente com aquilo que comporta não tanto o pensamento único quanto a potência única. A própria figura de Império proposta por Negri e Hardt, que coloca o poder global não nos EUA mas numa estrutura mundial, num certo sentido contribuiu para colocar na sombra o fato que nos EUA se realizou um potência de nível único. E como se contrasta uma tal potência? Sei que faço aqui o antipático papel de quem sustenta o modelo da força nas relações internacionais: mas eu não acredito que é possível contrastar este com a multidão mas um equilíbrio de poderes. Falando cruamente: o pacifismo foi derrotado. É preciso ter a coragem de olhar isto de frente. A imagem de dois superpoderes, os EUA e a opinião pública, inventada pelo *New York Times*, é sugestiva e encorajadora quando participamos das manifestações, mas é falsa: pode haver uma opinião pública enorme mas impotente”.

“Desta guerra de agora emerge a necessidade de uma crítica da democracia. Uma crítica das contradições e aporias internas aos sistemas democráticos”.

“O discurso de Aron, que era um conservador liberal, um *spectateur engagé* como ele se definia, amadurece entre os anos 1960 e 1961, quando a guerra fria estava se tornando coexistência pacífica. Aron relê as duas fórmulas de Clausewitz - a guerra como aniquilamento e destruição do adversário, a política como supremacia sobre a guerra – e sustenta que aquilo que decide entre uma e outra é a condição do equilíbrio das forças. Se há equilíbrio das forças, há política sobre a guerra; se não há, há guerra de destruição e aniquilamento – como no Iraque. Aron via no equilíbrio do terror, isto é, na bomba atômica, um fator de dissensão e tinha razão: a eventualidade da destruição total obrigava ao primado da política sobre a guerra, numa situação em que a paz era impossível por meio da *confrontation* entre os dois blocos, a guerra tornava-se improvável por meio do medo da destruição total. Hoje, acredito que devemos repensar este discurso na *confrontation* entre armas de destruição e terrorismo”.

“As duas armas, (armas de destruição e terrorismo) são armas de destruição, e a assimetria consiste em que não se pode usar a arma atômica contra o terrorismo, e nem vice-versa. Portanto, a supremacia da política sobre a guerra retorna como única alternativa possível contra a espiral guerra-terrorismo. E tanto mais numa tão forte assimetria entre os contendores, a política deve encontrar novas formas, novas linguagens, novas instituições, para entrar em contato com as sociedades nas quais o terrorismo toma pé. Há invenções institucionais extra-ocidentais que devemos adotar. Não podemos exportar a democracia como um produto empacotado pois os americanos já viram isto no Afeganistão e o verão melhor ainda no Iraque”.

TEOLOGIA PÚBLICA

DEUS NO PROJETO DO MUNDO MODERNO - III PARTE

*Este artigo foi publicado no livro MOLTSMANN, Jürgen, **Gott im Projekt der modernen Welt. Beiträge zur öffentlichen Relevanz der Theologie**, Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1997; tradução italiana: **Dio nel progetto del mondo moderno. Contributi per una rilevanza pubblica della teologia**, Brescia: Queriniana, 1999, p. 9-26.*

*O artigo, originalmente, foi uma conferência proferida nos EUA e publicada, em 1995, pela Association of Theological Schools in the United States and Canada (Associação das Faculdades de Teologia dos EUA e Canadá), com sede em Pittsburgh. O artigo foi, posteriormente, publicado pela revista alemã **Evangelische Theologie** 55/1995 e pela revista, editada em Genebra, Suíça, **Revue de Théologie et de Philosophie** 128/1996, p. 49-65. O texto aqui publicado foi traduzido, a partir da versão francesa e comparada com a tradução italiana.*

*Jürgen Moltmann, alemão, nascido em 1926, é professor emérito de teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen e é um dos mais importantes teólogos vivos na atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor dos importantes livros como **Teologia da Esperança**, São Paulo: Herder, 1971; e **O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã**. Esses livros, particularmente o último, são textos fundamentais para a compreensão da Teologia da Libertação. Ele é autor, entre muitos outros livros, dos seguintes: **Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação**. Vozes: Petrópolis, 1993; **O Caminho de Jesus Cristo. Cristologia em Dimensões Messiânicas**. Petrópolis: Vozes, 1994, 2ª edição; **Quem é Jesus Cristo para nós hoje?** Petrópolis: Vozes, 1997; **O Espírito da Vida. Por uma pneumatologia integral**. Petrópolis: Vozes, 1998.*

A tradução do artigo para o português é de Rogério Mosimann da Silva, licenciado em Filosofia e Teologia pelo Centro de Estudos Superiores – CES, de Belo Horizonte, MG e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre, RS. Atualmente, está concluindo o mestrado em Teoria Literária/ Letras na UFMG. Esse artigo foi publicado pelo CEPAT Informa, Páscoa de 2000, edição especial. Os subtítulos são nossos.

A Editora Unisinos acaba de publicar, de Jürgen Moltmann, o livro **A Vinda de Deus. Escatologia Cristã**, 374 p. (original alemão: **Das Kommen Gottes. Christliche Eschatologie**). O livro faz parte da Coleção Theologia Publica.

A primeira parte do artigo foi publicada na edição número 54, data p. 14-19 com o seguinte título: “A gênese do mundo moderno a partir do espírito da esperança messiânica”. Publicamos na semana passada, edição número 55, páginas 18-22, a segunda parte do artigo com o seguinte título “Modernidade x Submodernidade: os tempos finais do mundo moderno?”

Publicamos nesta semana a terceira e última parte deste importante artigo de J. Moltmann.

3ª PARTE: O RENASCIMENTO DA MODERNIDADE A PARTIR DO ESPÍRITO DE VIDA

“As visões da modernidade são visões impossíveis e contudo necessárias. Em relação à idéia humanitária da dignidade humana e dos direitos humanos para todos, não existe outra alternativa a não ser a barbárie. Ao ideal da *paz perpétua*, não existe outra opção que não seja a guerra contínua. Fora da fé num Deus único e da esperança de seu Reino, a única opção que resta é o politeísmo e o caos.

O Deus que vem: Na nossa fraqueza. Não no nosso poder!

A esperança em Deus deve ser sem triunfalismo nem milenarismo: o Deus da época moderna é “o Deus que vem”. O Deus da Bíblia também é o Deus “que é, que era e que vem” (Ap 1,4). Mas Ele não aparecerá em toda a sua divindade a não ser em seu Reino. A diferença não se aloja no conteúdo, mas no lugar: onde, precisamente, Deus está presente desde agora? Onde temos a certeza de sua presença de maneira que possamos viver e agir com confiança em Deus e em nós mesmos? O messianismo da época moderna afirmava: com Deus nós vamos dominar a Terra e julgar os povos junto com o seu Cristo. Esse sonho messiânico tornou-se o pesadelo dos povos e conduziu a isso que alguns têm chamado de “complexo de Deus”⁽¹⁾, a saber, o confinamento no puro desespero por um sentimento de não-poder. Não é em nossa dominação, mas em nossa esperança que o *Deus que vem* está presente por seu Espírito vivificante. Sua graça não é poderosa em nosso poder, mas em nossa fraqueza, e aí ela vivifica.

O Deus que vem: presente no Cristo no Gólgota

De acordo com o Apocalipse de João, o que é que precede o reino dos mil anos do Cristo? É a resistência contra “a besta do abismo” e a grande recusa de oferecer sacrifícios aos ídolos e às leis de “Babilônia”, bem como a recusa de se enriquecer, com ela, à custa dos demais. Antes

¹ H. E. RICHTER, *Der Gotteskomplex: die Geburt und die Krise des Glaubens an die Allmacht des Menschen*, Hamburg, Rowohlt, 1980.

do milênio, há o martírio⁽²⁾. Somente os que sofrem com o Cristo reinarão com ele (2 Tm 2,12). O messianismo da época moderna não reconheceu a presença do futuro divino no sofrimento, na resistência, na perseguição e no martírio. Desde aí, a imagem horrível que declara *crístã* a “Babilônia” e faz dela o Reino dos mil anos. Não foi exatamente isso o que fez um Francis Fukuyama quando, em 1989, após a derrocada do “realismo socialista”, erigiu tanto a transformação de tudo em mercadoria quanto a democracia liberal em “fim da história”? Teologicamente, devemos retornar do Harmagedon ao Gólgota. Cristo obteve a vitória não no apocalíptico Harmagedon, como o proclamou Carl Schmitt, ideólogo da relação amigo-inimigo, mas sobre o lugar histórico do Gólgota. Aí, *o Deus que vem* já está presente na história.

Deus: Companheiro de caminhada

Onde está Deus? Onde Ele advém em nossa história? Enquanto seu Reino definitivo não começa, *o Deus que vem* está presente em sua *shekiná*. Depois que o primeiro templo foi destruído em 587 a.C. e que Israel foi levado para o cativeiro da Babilônia, como a presença de Deus poderia ainda continuar a se manifestar no templo? Uma resposta foi: a *shekiná* do Senhor Deus seguiu igualmente para o exílio, solidarizando-se com os sofrimentos de Israel. Deus é o companheiro de caminhada de seu povo, solidário com seus sofrimentos⁽³⁾. De acordo com o Evangelho, o Verbo divino com sua sabedoria eterna “se fez carne” em Jesus e “habitou entre nós” (Jo 1,14). Essa é a teologia da *shekiná* do Novo Testamento. Se ele habita entre nós, ele também nos acompanha. Se ele nos acompanha em nossa jornada, ele igualmente sofre conosco. Se ele sofre conosco, ele nos dá também a certeza de Deus e de nós mesmos no grande exílio desse mundo⁽⁴⁾.

Deus: o Totalmente-Outro

Nós temos a predisposição de reconhecer a Deus, o absoluto, naquilo que nos é semelhante. O que se parece conosco nos confirma; o que nos é estrangeiro nos desinstala. É por isso que nós gostamos do que é parecido conosco e temos medo do estrangeiro. É a forma que toma a auto-satisfação social. Esta é do tipo milenarista: Deus é como nós; nós somos como Deus; nós reinamos com Deus e Deus está do nosso lado, que é o lado a que pertence a vitória. Foi assim que a América foi *descoberta*. Damos um passo a mais se tentamos respeitar e conhecer a Deus, o *Totalmente-Outro* (Karl Barth), naquilo que é outro e que nos é estrangeiro (Émmanuel Lévinas). Respeitamos e reconhecemos os outros e os estrangeiros se nós deixamos de *assimilá-los* e se nós nos abrimos ao que lhes é específico, se nós nos animamos a formar junto com eles uma comunidade de diferentes. A acolhida dos outros seres humanos toma então a forma de justiça social. Mas isso pressupõe uma *aliança* com Deus, a saber, que nós nos saibamos aceitos e justificados por Deus, e isso na medida em que os seres humanos somos diferentes dele e que lhe somos estrangeiros.

Deus morreu. Nós o matamos. Quando?

Damos ainda um passo a mais se tentamos respeitar Deus como vítima de uma humanidade ávida da dominação do mundo; e do mesmo modo se buscamos reconhecê-lo como tal entre as

² Devemos a E. PETERSON, *Theologische Traktate*, München, Kösel, 1951, p. 165-224, a prova de que a “Revelação secreta” não tem nada a ver com as especulações apocalípticas efetuadas pela teologia da história da salvação, mas que ela é “o livro dos mártires”.

³ P. KUHN, *Gottes Selbsterniedrigung in der Theologie der Rabbinen*, München, Kösel, 1968; A. M. GOLDBERG, *Untersuchungen über die Vorstellung von der Shekhinah in der frühen rabbinischen Literatur*, Berlin: de Gruyter, 1969.

⁴ J. MOLTMANN, *Jésus, le Messie de Dieu*, Paris: Cerf, 1993. Tradução portuguesa: *O Caminho de Jesus Cristo. Cristologia em Dimensões Messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1994, 2ª edição.

vítimas de nossa própria violência. Deus – a vítima nas vítimas: é precisamente o Deus crucificado quem nos olha nos olhos mudos das crianças de rua. Quando o arcebispo Oscar Arnulfo Romero descobriu isso, ele passou a *resistir* – e foi assassinado⁽⁵⁾. *Deus morreu – nós o matamos*, pretendeu Nietzsche. Infelizmente, ele não viu onde nós matamos a Deus. Nós o matamos quando fazemos de sua própria imagem a vítima de nossa violência. Com efeito, Deus está presente naquele que é a *imagem de Deus*. Nós matamos Deus quando excluímos o estrangeiro expulsando-o, pois Deus está em quem é estrangeiro. Nós matamos Deus quando escolhemos a morte em lugar da vida e aceitamos, para salvar a nossa vida, a morte de muitos outros seres vivos. Deus é um Deus vivo. Tudo o que diz respeito à vida, diz respeito igualmente à santidade de Deus. Quem não ama a vida, não ama a Deus. Deus é o Deus de toda a vida, de toda vida e da vida comum a todos⁽⁶⁾.

Sem igualdade, a liberdade não é universal

O projeto moderno para a humanidade começou com a afirmação de que “todos os homens são iguais e livres” e que “liberdade, igualdade e fraternidade” caminham lado a lado. Nas democracias liberais do mundo ocidental, compreendemos o que essa liberdade individual significa no que diz respeito ao poder estatal. Em compensação, a liberdade para todos os humanos, promessa ao mesmo tempo dos direitos humanos e do direito constitucional, está longe de se ver realizada. Teremos necessidade tanto de movimentos pelos direitos cívicos como de movimentos de libertação para que essa promessa se cumpra. Contudo esse projeto para a humanidade não prevê o contrário, a saber, que só alguns seres humanos são criados livres enquanto que os outros não seriam destinados à liberdade. É claro que a sociedade dos homens livres e dos não-livres existe ainda, mas ela não tem mais legitimidade. Em compensação, a outra verdade é inteiramente não-realizada, a saber, que “todos os humanos são criados iguais”. Porque o socialismo se apropriou dessa exigência da modernidade e terrivelmente a traiu em suas ditaduras de partido, ninguém mais tem vontade hoje de discutir a igualdade de todos os seres humanos, ao menos não a igualdade econômica. Em todo caso, para o ser humano individual, nenhuma liberdade universal pode existir sem a igualdade fundamental de todos os seres humanos. Sem igualdade, a liberdade não é universal. E sem uma certa igualdade, a liberdade econômica e a democracia não são viáveis. Mas de qual igualdade estamos falando?

A tarefa social do futuro é a igualdade!

O conceito social de igualdade é a justiça. Sem condições sociais e políticas justas, não há paz entre os seres humanos e os povos. O conceito ético da igualdade é a solidariedade, um amor entre irmãos e irmãs como o explicou esse humanismo tão cristão: *filadélfia!* É puro idealismo? Não, creio que se trata aí de um *puro realismo* para a sobrevivência da humanidade. Sem o estabelecimento de condições de vida compatíveis em todos os países, não estaremos aptos a estancar as migrações dos refugiados do século XX. A Alemanha unificada é apenas um pequeno exemplo: a fim de impedir que centenas de milhares de alemães do Leste emigrem para o lado ocidental, é preciso criar condições de vida semelhantes no Leste e no Oeste. Certamente é custoso, mas é possível. A mesma coisa vale para a Europa unificada: a fim de

⁵ O. A. ROMERO, *Die notwendige Revolution* [A Revolução Necessária; com um artigo de Jon Sobrino sobre os mártires da libertação], München/Mainz, Kaiser/Grünwald, 1982. Cf. também *L'Amour vainqueur*, [A vitória do Amor; textos de O. A. Romero selecionados por J. R. BROCKMAN, apresentação de Gustavo Gutiérrez], Paris: Cerf, 1990.

⁶ G. GUTIÉRREZ, *El Dios de la Vida*. Lima, Cep, 1989; J. MOLTMANN, *Der Geist des Lebens. Eine ganzheitliche Pneumatologie*, München, Kaiser, 1991. Tradução portuguesa: *O Espírito da Vida. Uma Pneumatologia Integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.

segurar os movimentos migratórios do Leste em direção ao Oeste, é preciso garantir a viabilidade do Leste. Isso não é diferente no conflito Norte-Sul. Nós não resistiremos à pressão dos milhões de refugiados protegendo-nos deles por meio de novas cortinas de ferro, mas somente propiciando-lhes, em seus países de origem, condições de vida análogas às dos nossos países. A tarefa social do futuro é a igualdade. Não a igualdade segundo a nossa imagem, mas a igualdade que resulta do reconhecimento do outro e da reparação em favor das vítimas.

Por uma revolução ecológica da nossa sociedade

Enfim, é urgente *uma revolução ecológica de nossa sociedade* e uma “reforma” ecológica da religião do homem moderno. Para isso, precisamos de uma nova arquitetura teológica. O monoteísmo moderno desencantou a natureza e entregou-a à dominação humana. A idéia moderna de humanidade desenvolveu-se, em fim de conta, em detrimento dos outros seres vivos: só o ser humano é imagem de Deus, visto que ele é que é chamado a dominar a Terra. Uma *nova espiritualidade cristã* redescobrirá a imanência de Deus escondida na natureza. “Nenhuma criatura está tão distanciada de Deus que não contenha algum traço seu”, dizia Tomás de Aquino. O Espírito de Deus mantém tudo em vida e o Cristo cósmico está em todas as coisas. “Levante uma pedra e me encontrarás” (Evangelho de Tomé). Uma nova doutrina trinitária cristã articulará transcendência e imanência de Deus, de tal modo que a resposta ao monoteísmo não seja necessariamente o panteísmo. Uma nova antropologia nem androcêntrica nem antropocêntrica libertará as dimensões da corporalidade e da sensualidade da existência humana, dimensões desprezadas no mundo moderno. Assim, essa antropologia preparará um caminho para a *integração da cultura humana na natureza* desta Terra, da *alma humana no corpo* e da *razão* moderna nos contextos mais amplos da *sabedoria* (*sophia* e *phronesis*).

Reinventemos o mundo moderno!

O projeto da civilização técnico-científica moderna tornou-se o destino da humanidade. Não podemos nem continuar como até agora sem desembocar na catástrofe universal, nem nos retirar desse projeto a fim de que o mundo pereça sem nós. Não nos resta senão a transformação profunda do mundo moderno com o objetivo de operar um redirecionamento, antes que seja tarde demais. Reinventemos o mundo moderno! Libertemos o futuro da violência que emana da história moderna! Livremos das ruínas da razão histórica moderna a categoria teológica da *Esperança*! Dos escombros de um secularizado milênio que enalhou ou que navega à deriva, revisitaremos então a escatologia teológica para descobrir nela os horizontes transcendentais”.

ACONTECE

CINEFÓRUM COMEÇA HOJE

Inicia no dia de hoje, 22 de abril, e vai até o dia 25, o *Cinefórum*, evento promovido pelo Centro de Ciências da Comunicação e pela Hemeroteca da Unisinos. É um projeto de mostras de filmes com debate posterior, que tratam de temas relacionados à Comunicação e Artes. Nesta edição, a temática é *Graciliano Ramos no Cinema: caminhos de um narrador torturado*. Serão

apresentados dois filmes: *Memórias do Cárcere* (Brasil, 1984), de Nelson Pereira dos Santos, e *São Bernardo* (Brasil, 1972), de Leon Hirzsmann.

A seleção dos filmes e condução do debate é da professora Márcia Lopes Duarte. Márcia é pesquisadora no Centro de Ciências da Comunicação e leciona "Seminário de Linguagem" (com ênfase na relação cinema-literatura), no curso de Realização Audiovisual, e "Literatura Brasileira", no curso de Letras da Unisinos. É Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada. Márcia apresentou a temática *Repensando "Os Sertões" 100 anos depois*, no *IHU Idéias* de 17 de outubro do ano passado. *IHU On-Line* publicou uma entrevista com a professora na edição número 39, de 21 de outubro de 2002, a respeito do livro. *Os Sertões* será comentado pela professora no dia 5 de junho, na terceira sessão do *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, projeto do IHU.

Na programação do Cinefórum de hoje, haverá duas sessões de exibição na Hemeroteca do Centro 3. Uma, às 12h, com a exibição de *Memórias do Cárcere*; e outra, às 17h, com *São Bernardo*. Nos dias seguintes, a ordem se inverte. O filme que foi exibido às 12h passa para as 17h e vice-versa. Na quinta-feira, 25 de abril, haverá uma sessão única, também na Hemeroteca, a partir das 12h, com a exibição de um filme após o outro. Em seguida, às 17h, será realizado um debate sobre as duas obras. O evento é gratuito e aberto a toda a comunidade acadêmica.

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

Ilya PRIGOGINE, *As Leis do Caos*, São Paulo: Ed. Unesp, 2002, 110 p.

O autor: Ilya Prigogine é diretor dos Institutos Internacionais de Física e Química de Bruxelas e do Centro de Mecânica Estatística da Universidade do Texas, em Austin. Recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1977. Prigogine é autor de *O Fim das Certezas* (Lisboa: Gradiva Publicações, 187 páginas) e co-autor das obras *A Nova Aliança* (Lisboa: Gradiva Publicações), *Entre o Tempo e a Eternidade* (Lisboa: Gradiva Publicações, 267 páginas) e *A Sociedade em Busca de Valores* (Porto: Instituto Piaget).

Nelson Fiedler-Ferrara publicou na *Folha de S. Paulo*, em 8 de março de 2003, uma resenha do livro que reproduzimos na íntegra. Nelson Fiedler-Ferrara é professor do Instituto de Física da USP e co-autor, ao lado de Carmem Cintra do Prado, de *Caos – Uma Introdução*. São Paulo: Edgard Blücher, 1994.

O PARADOXO DO TEMPO

"Ilya Prigogine sempre surpreende. Mesmo seus opositores intelectuais nele reconhecem um faro excepcional para descobrir novas direções na ciência. Não menos surpreendentes e polêmicas são as idéias que esse cientista nos propõe no livro *As Leis do Caos*, publicado com correta tradução a partir da edição original italiana de 1993.

Prigogine nasceu em Moscou em 1917. É diretor dos Institutos Solvay de Física e Química, em Bruxelas, e do Centro Ilya Prigogine de Mecânica Estatística, Termodinâmica e Sistemas

Complexos, em Austin (EUA). Em 1977, recebeu o Prêmio Nobel de Química por suas contribuições à termodinâmica de não-equilíbrio e pela descrição das estruturas dissipativas, cernes das reflexões da chamada Escola de Bruxelas, que tem em Prigogine seu principal cientista.

Estruturas dissipativas são fenômenos de criação de ordem longe do equilíbrio termodinâmico. Prigogine observou que longe do equilíbrio termodinâmico, na presença de fluxos de energia e de matéria mantidos a partir do exterior do sistema, não existe um princípio termodinâmico único que possa determinar a evolução do sistema. Essa evolução deve ser estudada, introduzindo a dinâmica, utilizando, em particular, os métodos e conceitos do movimento caótico.

As Leis do Caos é um livro difícil para leigos. Faz uso de procedimentos matemáticos e conteúdos conceituais bastante sofisticados, mais apropriados a pós-graduandos ou cientistas. Para leitores com conhecimento de matemática avançada, o livro fornece um longo apêndice sobre teoria espectral e caos. Contudo Prigogine é um mago da escrita. Isso o torna surpreendentemente – e perigosamente – legível.

O perigo reside na possibilidade de compreensão equivocada dos conteúdos, favorecendo-se generalizações impertinentes, mas também erros conceituais graves, particularmente quando essas idéias são aplicadas em outras áreas do conhecimento, particularmente nas ciências do homem e em certas generalizações apressadas no âmbito das ciências biológicas e da evolução.

Caos e irreversibilidade

A teoria do caos determinístico não é uma teoria da desordem ou do caos primordial. Nela, determinismo e imprevisibilidade coexistem. O determinismo está presente porque a dinâmica do sistema é fornecida por equações. A imprevisibilidade ocorre porque há "dependência sensível às condições iniciais", isto é, devido à presença de não-linearidades no sistema, pequenas diferenças nas condições iniciais são amplificadas exponencialmente e, para um tempo suficientemente longo, trajetórias do sistema, partindo de condições iniciais ligeiramente diversas, ficarão distanciadas. Sistemas que apresentam essa sensibilidade às condições iniciais são chamados "caóticos".

Assim, leis de evolução deterministas podem levar a comportamentos caóticos, inclusive na ausência de ruído ou de flutuações externas. Um outro aspecto relevante é o fato de que a transição da ordem ao caos dá-se por meio de seqüências de bifurcações, isto é, de instabilidades.

A irreversibilidade diz respeito ao famoso problema da seta do tempo. As equações da física básica (mecânica, eletromagnetismo e mecânica quântica) são reversíveis. Por exemplo, consideremos um sistema isolado de partículas e o deixemos evoluir durante um intervalo de tempo " t ", então, se as velocidades de todas as partículas forem invertidas exatamente e deixarmos o sistema evoluir o mesmo tempo " t ", obteremos a situação do sistema original no instante inicial. Entretanto a nossa experiência diária não corrobora essa reversibilidade: um nadador não retorna da piscina para o trampolim, o calor passa sempre do corpo mais quente para o corpo mais frio, e não o contrário.

A segunda lei da termodinâmica formaliza a experiência cotidiana, afirmando que toda transformação espontânea leva o sistema de um estado de entropia mais baixa para um estado final de equilíbrio com entropia mais elevada. Contudo a segunda lei da termodinâmica é incompatível com a reversibilidade da mecânica newtoniana. Isso se denomina o paradoxo do tempo.

Uma solução, baseada no cálculo de probabilidades, foi proposta por Boltzmann no século 19. A idéia básica de Boltzmann foi introduzir uma distinção entre as condições iniciais que levam a

uma evolução na direção do estado de equilíbrio e aquelas que conduzem ao afastamento. As primeiras, para Boltzmann, são muito mais numerosas do que as últimas, de tal maneira que a lei do crescimento espontâneo da entropia exprime uma propriedade estatística evidente: um estado menos provável deve evoluir espontaneamente em direção a um estado mais provável. Então, para Boltzmann, a entropia de um estado passa a ser uma medida de sua probabilidade. Como conseqüência, a irreversibilidade macroscópica da segunda lei se conciliaria com a reversibilidade microscópica da lei de Newton.

Prigogine discorda de que Boltzmann tenha fornecido uma solução para o paradoxo do tempo. Para o autor, as estruturas dissipativas evidenciam "o papel criador fundamental dos fenômenos irreversíveis, portanto também da seta do tempo". Probabilidade e leis deterministas, afirma Prigogine, complementam-se em nível macroscópico: uma solução oscilante longe do equilíbrio aparece a partir de um ponto de bifurcação e, outras instabilidades, a partir desta.

O autor nos propõe que "a seta do tempo tem o papel de criar estruturas". Dessa maneira, Prigogine contesta a visão usual de que fenômenos irreversíveis "se reduzem a um aumento de "desordem", como se pensava tempos atrás, mas, ao contrário, têm um papel construtivo".

O restante do livro é extremamente técnico. Em linhas gerais, o autor sustenta que, diversamente do usual, a formulação da dinâmica para sistemas caóticos deva ser feita por meio de uma abordagem estatística de base probabilística e que se deva eliminar a noção de trajetória da descrição microscópica. Assim procedendo, "para os sistemas instáveis, as leis fundamentais da dinâmica clássica (ou quântica) são formuladas em termos de evolução de "probabilidade". E é nesse nível que podemos esclarecer as leis do caos e descrever as mudanças que a instabilidade e o caos introduzem em nossa visão de mundo".

Os conteúdos apresentados nesse livro tratam de aspectos fundamentais da ciência, com importantes conseqüências para a epistemologia. Os resultados incluídos resumem tópicos tratados em pesquisas em curso, sendo publicados em revistas internacionais arbitradas e de excelente nível. Mas o leitor deverá estar atento para o fato de que esses resultados não são definitivos. Aliás, há que enfatizar que as idéias apresentadas nesse livro têm defensores, bem como opositores, igualmente competentes, na comunidade científica, em um debate salutar para a construção da ciência".

Entrevista da Semana

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES – UMA ENTREVISTA EXPLOSIVA

Depois que o ministro Antonio Palocci Filho (Fazenda) divulgou, no último dia 10, o documento "Política Econômica e Reformas Estruturais", a economista Maria da Conceição Tavares, perdeu a calma e mandou às favas o tom moderado que vinha usando diante da imprensa. "Quase tive um ataque quando li aquilo."

"Aquilo" é o documento em que a equipe econômica, contradizendo argumentos históricos do PT, atribuiu os problemas da economia brasileira à falta de ajuste fiscal. A sigla sempre bateu na tecla de que o déficit externo era a causa das mazelas do país.

*Mas o que fez com que a economista, avessa a entrevistas, falasse à **Folha** foi o fato de o documento propor a focalização dos programas sociais - pela qual somente os realmente pobres seriam atendidos. Embora a expressão tenha sido usada de forma genérica, para Tavares, assessores de Palocci tentam introduzir no governo a idéia de acabar com a universalização dos benefícios sociais.*

*Reproduzimos integralmente a entrevista publicada na **Folha de S. Paulo**, em 21 de abril de 2003.*

Folha - Por que o documento divulgado no último dia 10 pela equipe do ministro Palocci causou mal-estar entre os ministros da área social ao falar na focalização dos programas sociais?

Maria da Conceição Tavares - Causou mal estar em todo mundo. Não sou da área social e estou histórica. Temos políticas universais há mais de 30 anos. Somos o único país da América Latina que tem políticas universais. A focalização foi experimentada e empurrada pelo Banco Mundial na goela de todos os países e deu uma cagada. Não funciona nada. Desmontaram o sistema de saúde pública do Chile, que era o melhor da América Latina, desmontaram a Previdência e fizeram fundos de pensão e deu outra cagada, desmontaram o sistema de ensino público e foi a mesma coisa. Ainda fizeram a mesma coisa na Argentina. Chile e Argentina tinham historicamente os melhores programas de saúde e de educação e cobertura geral de políticas universais. Desmantelaram e obrigaram a fazer focalização.

Folha - Causa surpresa saber que num governo de esquerda há eco para esse tipo de proposta...

Tavares - O eco foi de raiva. Dentro do programa [divulgado pelo Ministério da Fazenda] há gente infiltrada que escreveu uma porcaria chamada Agenda Perdida [documento escrito pelos economista José Alexandre Scheinkman, Ricardo Paes de Barros e Marcos Lisboa], feita por um grupo de débeis mentais do Rio de Janeiro. Não são tão débeis mentais porque, além de fazer a Agenda, montaram um instituto, que é uma ONG, que recebe em torno de US\$ 250 mil do Banco Mundial para fazer o tal estudo especial para focalizar.

Assim como tivemos a desgraça de, no governo Fernando Henrique Cardoso, termos os economistas da PUC [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro] no programa econômico, desta vez temos também os da Fundação Getúlio Vargas, e não apenas infiltrados na área econômica. Esse Marcos Lisboa é um garoto semi-analfabeto que está encarregado de fazer política econômica, coisa que ele jamais fez na vida. Quiseram vender a Agenda para o PMDB, que não comprou, fizeram o mesmo com o Ciro [Gomes, candidato derrotado pelo PPS à Presidência e hoje ministro da Integração Nacional].

É um espanto que esse grupo de garotos espertos faça com dinheiro público e do Banco Mundial uma nova Agenda que proponha para o Brasil - o único país que tem políticas universais em saúde, no ensino público básico e no INSS, três redes universais que nunca ninguém conseguiu desmontar- a focalização dos programas sociais.

Folha - Apesar das críticas ao Marcos Lisboa, a política econômica do governo está sendo bem-sucedida...

Tavares - O Marcos Lisboa tem 38 anos e foi colega do meu filho na escola. Foi meu aluno, era um bom menino que adorava fazer modelos matemáticos e adora até hoje. Isso tem tanto a ver com política social quanto coisa nenhuma. É um direito do ministro levar quem quiser para a sua assessoria econômica, mas não é direito de um assessor palpar sobre focalização e Agenda Perdida.

Folha - A sra. acredita que esse documento tenha sido feito à revelia do ministro Palocci?

Tavares - Eu não acho nada. Sei que quem escreveu o documento foi ele. O ministro Palocci escolheu para seu assessor econômico e do Tesouro [Joaquim Levy, ex-chefe da assessoria econômica do Ministério do Planejamento no governo FHC] quem bem entendeu. Não são pessoas da confiança do PT e não têm nada a ver com o partido. É gente de quem ninguém nunca tinha ouvido falar. O Marcos Lisboa não tem a menor experiência de política econômica. Já o ministro é um cara inteligente e tem experiência. Então pensei: ele colocou lá uns papalvos [patetas] sem importância nenhuma porque é esperto e não vai ouvir conversa nenhuma. Além disso, o ministro Palocci conversa com diversos economistas: do Delfim [Netto, deputado pelo PP -antigo PPB- de São Paulo e ex-ministro da Fazenda] aos tucanos e a nós. O ministro Palocci fala com todo mundo.

Folha - Defender a focalização dos programas sociais é ser liberal?

Tavares - Estive em São Paulo [depois da divulgação do documento] e tive de ouvir o dr. Delfim Netto defender a Constituinte de 1988, onde estão consagrados os direitos universais nas três áreas: saúde, assistência social e Previdência Social. Isso vinha sendo construído como políticas universais desde o tempo da ditadura, logo, não é um problema de ser conservador. É um problema de ser pateta ou de má-fé. E esse pessoal está tentando dar as rédeas da política social do governo.

É evidente que os ministros da área social estão possessos, mas não vão armar uma briga com o ministro Palocci, a quem terei o prazer de, assim que for a Brasília, ir visitar para perguntar o que é aquilo. Como um documento da Fazenda fala sobre focalização?

Folha - Há algum outro aspecto que a sra. critica no documento?

Tavares - Ele desmente o diagnóstico de todos os economistas bons desse país que colocaram no estrangulamento externo, no aumento dos passivos externos que o doutor Fernando Henrique nos deixou, os problemas da economia. Diz que não é nada disso e que o problema na verdade é que o governo passado não fez o ajuste fiscal, que tal? Um garoto falando contra o ponto de vista de todos os grandes empresários e economistas como Delfim Netto, [Luiz Carlos] Mendonça de Barros, do José Serra, do Luiz Carlos Bresser Pereira, do Yoshiaki Nakano, de Campinas inteiro... Se há unanimidade no diagnóstico econômico é que temos um problema de estrangulamento externo. É isso que nos faz tolerar a habilidade política do ministro Palocci em contornar uma situação que, em setembro, era ruínosa.

Folha - Apesar do que a senhora fala de Marcos Lisboa, a taxa de câmbio recuou, a inflação dá sinais de queda...

Tavares - O garoto não faz política econômica. Quem faz é o ministro, o presidente do Banco Central, a diretoria do BC e aquele garoto do Tesouro [Joaquim Levy], e não aquele menino [Lisboa], que não tem a menor condição de fazer política econômica por não ter experiência. O que ele faz são os documentos, aquela babaquice que o Consenso de Washington quer que a gente aplique.

Ele que faça os documentos que quiser. Diga-se de passagem que o diagnóstico [contido no documento "Política Econômica e Reformas Estruturais"] é a gargalhada do Delfim e de todo mundo porque revela a mais profunda ignorância...

Folha - A política econômica do ministro Palocci está correta?

Tavares - Até aqui, sim. Agora vai complicar por causa do câmbio.

Folha - O câmbio deve ser controlado?

Tavares - Não acho nada. Se nem o presidente do FED [banco central norte-americano], Alan Greenspan, sabe o que fazer com a taxa de câmbio dele, como, diabo, você quer que eu diga o que vai acontecer com o câmbio? Acho apenas que deixar entrar capital morte súbita [especulativo e de curto prazo], como diz o Delfim, ou capital pirata, os US\$ 5 bilhões, ajuda a revalorizar. Mas depois teremos outro ataque, que foi o que aconteceu no governo Fernando Henrique. Nesse sentido, essa política econômica é a mesma que a anterior e não deu bom resultado. Política cambial é a coisa mais difícil porque o BC, não tendo reservas, não tem raio de manobra para fazer política cambial. Logo, eu não estou criticando. Apenas digo que, se essa política durar muito, como diz o próprio presidente Lula, é ruim porque prejudica a retomada do crescimento, a substituição de importações, as exportações. Não tenho atacado nem o ministro Palocci nem o presidente do BC. Agora, os débeis mentais que ele tem de assessor, se não escrevessem nada ou ficassem calados, eu também não atacaria.

Folha - Há pontos corretos no documento: até hoje não reduzimos a desigualdade de renda, e nossos programas sociais não combateram a pobreza.

Tavares - Não é verdade. A Previdência e a Loas [Lei Orgânica de Assistência Social, que prevê o pagamento de aposentadoria a deficientes e para idosos com mais de 65 anos com renda per capita da família até R\$ 25] são os maiores programas de transferência de renda da América Latina. Move não apenas a economia das pequenas cidades do Nordeste, como as de São Paulo e as do Rio de Janeiro.

Folha - Isso não muda o fato de que hoje o Brasil investe mais nos velhos do que nas crianças.

Tavares - Isso é porque o programa de leite e de nutrição do SUS foi abandonado pelo governo Fernando Henrique.

Folha - Não há programa de leite que faça com que um menino que nasceu na periferia de São Paulo quebre o ciclo de pobreza da sua família...

Tavares - A redução da mortalidade infantil deve-se à distribuição de leite do governo José Sarney. Gozado: cai a mortalidade, aumenta a alfabetização, os velhos recebem renda e não está funcionando? As estatísticas sociais apresentadas no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social foram falsificadas. São essas coisas que fazem com que a sociedade diga, há uma década, que o serviço público não funciona, que o Estado é ineficiente e que tem de focalizar. Estou discutindo a universalização dos indicadores sociais. Para melhorar a distribuição de renda vai ser preciso fazer tudo: uma reforma tributária progressista, reforma agrária, que os donos de banco paguem imposto etc, etc.

Filme da Semana

CARANDIRU

Nome original: Carandiru

Origem: Brasil

Realizado em: 2003

Gênero: Drama

Duração: 146 min.

Direção: Hector Babenco

"CARANDIRU" É PESADELO E CARICATURA DO PAÍS

*Reproduzimos, na íntegra, a crítica de José Geraldo Couto, colunista da **Folha de S. Paulo**, do filme **Carandiru** que ressalta, especialmente, a 'dimensão trágico-religiosa dada a personagens e seu universo por imagem e som'. O artigo foi veiculado em 17 de abril de 2003.*

"Uma das inúmeras abordagens suscitadas por "Carandiru" é a da sobreposição, na textura do filme, de duas dimensões: a social e outra que podemos chamar de religiosa ou moral. No primeiro caso, trata-se de mostrar o que o presídio tem de microcosmo do país. Tudo o que existe fora dele -o trabalho, o comércio, a religião, o lazer, o sexo, o crime- existe dentro, só que de modo condensado e deslocado.

Por força disso, o Carandiru é como um pesadelo sobre o país, ou, antes, uma caricatura. Duas seqüências são exemplares dessa idéia: a do jogo de futebol e a do casamento entre Sem Chance (Gero Camilo) e o travesti Lady Di (Rodrigo Santoro).

Em torno de um campo enlameado, presos maltrapilhos e solenes entoam o hino nacional, numa pungente paródia de uma partida de seleção brasileira.

Igualmente paródico é o casamento homossexual, com a noiva de véu e grinalda, o noivo de terno, "madrinhas" chorando etc.

Assim como o travesti é uma caricatura da mulher, por acentuar exageradamente seus traços femininos, as relações humanas na cadeia exacerbam, analogamente, a luta selvagem que caracteriza a vida fora das grades.

Mas o que eleva o filme a um plano mais inquietante e irredutível é a dimensão trágico-religiosa conferida aos personagens e seu universo por um cuidadoso trabalho de imagem e som. Proliferam os signos, de raiz judaico-cristã, de martírio e redenção, luz e trevas, dúvida e culpa. Um exemplo entre muitos é o da escada lavada primeiro pela água, depois pelo fogo, depois pelo sangue e novamente pela água.

Água e fogo são centrais em "Carandiru". Basta pensar na história das duas mulheres de Majestade, ligadas pelo fogo, ou na relação entre Zico e Deusdete, marcada pela água.

O recurso freqüente à contraluz é um modo de sublinhar, por um lado, o contraste entre o dentro e o fora do cárcere, e, por outro, a estreita linha de claridade que separa cada indivíduo das trevas. É o magistral trabalho com a luz que unifica as duas faces de "Carandiru", a social e a outra, difícil de nomear".

Frases da Semana

Eleições na Argentina: Apatia política

"Há dez dias das eleições presidenciais, a metade dos argentinos acredita que estas eleições 'não vão gerar as mudanças que o país precisa' e 70% pensa que os candidatos expressam 'pouco ou nada' da sociedade argentina" – **Graciela Römer**, cientista política, comentando pesquisa de opinião pública mostrando o desinteresse público pelas eleições presidenciais argentinas a serem realizadas no próximo dia 27 de abril – **Página/12**, 17-4-03.

"Isto tem a ver com crise política e com a legitimidade não somente dos dirigentes políticos mas com a própria política" - **Graciela Römer**, cientista política - **Página/12**, 17-4-03.

"Esta é a quinta eleição desde o retorno da democracia e a alternância entre justicialistas e radicais produziu expectativas crescentes que foram defraudadas. Por isso temos uma fratura tão grande entre os cidadãos e os dirigentes políticos. É esta fratura que domina a atual campanha eleitoral" - **Graciela Römer**, cientista política - **Página/12**, 17-4-03.

"Não há paixão porque não pode haver quando a metade das pessoas deiz elas não vão mudar nada, sejam quem for que ganhe" - **Graciela Römer**, cientista política - **Página/12**, 17-4-03.

Globalização e cultura de massa

"Vivemos a fundo a cultura de massa. Os produtos culturais formam um conjunto de signos que se transformam em mercadoria. É preciso entender que cultura, em seu sentido profundo, representa uma economia e um espaço social e político. O antídoto para o veneno da cultura global está na visão crítica. Quanto mais se avoluma a globalização, mais se agudiza a

consciência crítica. A outra cultura forma um foco de resistência necessário. Senão, o futuro do homem será comprometido” – **Alfredo Bosi**, crítico literário, recém-eleito para a Academia Brasileira de Letras, autor de livros como **Dialética da Colonização** e **Céu, Inferno**, em entrevista à revista **Época**, 14-4-03.

FHC e o conformismo

“Todos nós, intelectuais socialistas, lamentamos o que aconteceu com Fernando Henrique Cardoso. A tônica do governo dele foi o conformismo. É impressionante que um sociólogo e um homem da USP tenha sido móvel dessa operação. O governo dele adaptou o país à globalização imposta de fora, sem reflexão alguma sobre o tema” - **Alfredo Bosi**, crítico literário, recém-eleito para a Academia Brasileira de Letras, autor de livros como **Dialética da Colonização** e **Céu, Inferno**, em entrevista à revista **Época**, 14-4-03.

“O melhor do governo (Lula) é que ele tem a cara do Brasil. E isso nunca aconteceu Não é só porque Benedita, Marina e Gil se tornaram ministros. É também porque há um médico, ex-prefeito de uma cidade média, que é ministro da Fazenda, num país que viveu durante 40 anos sob a arrogância e a tirania de economistas sabichões. O fato de ele ter bom senso e administrar a economia coma competência é algo que reforça a autoconfiança do país”- **Luiz Felipe de Alencastro**, historiador, professor-catedrático da Universidade de Paris 4, em entrevista ao jornal **Valor Econômico**, 16-4-03.

Universidade Autônoma

“A universidade que desejamos é uma universidade autônoma” – **Cristovam Buarque**, ministro da educação, defendendo que a universidade deve ter ampla capacidade de iniciativa para decidir tudo, da sua organização às prioridades, do conteúdo dos cursos às formas de ingresso, da escolha de seus dirigentes às relações com a sociedade – **Valor Econômico** 16-4-03.

“A proposta para a Universidade é a seguinte: liberdade total” – **Cristovam Buarque**, ministro da educação – **Valor Econômico** 16-4-03.

Vestibular e a ética

“Acho que se uma universidade quiser testar apenas matemática e português, deve testar; da mesma maneira que se quiser acrescentar outras disciplinas, seria bom. Sabe qual? Filosofia. Acho que a principal coisa a ver se um aluno tem é conhecimento de ética” – **Cristovam Buarque**, ministro da educação, falando das possíveis mudanças nos exames vestibulares - **Valor Econômico** 16-4-03.

Universidade e a velocidade do conhecimento

“O conhecimento avança numa velocidade tão grande que a universidade não consegue mais ser vanguarda do conhecimento. A universidade precisa retomar a sintonia com a velocidade com que o conhecimento avança”- **Cristovam Buarque**, ministro da educação, falando das possíveis mudanças nos exames vestibulares - **Valor Econômico** 16-4-03.

Crise da Universidade é ética

“A engenharia era geradora de emprego, hoje ela é destruidora; a medicina beneficiava os pobres, hoje beneficia os ricos. A universidade virou uma instituição cujo produto beneficia só a elite. Não é que os alunos são filhos da elite, isto é o menos importante. O importante é que o produto da universidade trabalha só para uma elite” – **Cristovam Buarque**, ministro da educação, analisando a crise da universidade como a desarmonia ética entre ela e as necessidades do povo - **Valor Econômico** 16-4-03.

Transdisciplinaridade

“Qual é o departamento da fome? Qual é o departamento da energia?” - **Cristovam Buarque**, ministro da educação, defendendo que a estrutura da universidade deve ter núcleos ‘transdisciplinares’, pois as disciplinas não são mais ‘unidisciplinares’ - **Valor Econômico** 16-4-03.

Erros velhos e erros novos

No governo FHC, os economistas com sotaque carioca levaram a melhor, e a sociedade brasileira, a pior. Será que vamos, mais uma vez, trilhar os mesmos caminhos da insensatez econômica e trocar as vitórias de curto prazo - inclusive a redução mais rápida da inflação - por uma retomada do tão necessário crescimento de nossa economia? - **Luiz Carlos Mendonça de Barros**, engenheiro e economista, é sócio e editor do site de economia e política Primeira Leitura. Foi presidente do BNDES e ministro das Comunicações (governo FHC) – **Folha de S. Paulo**, 18-04-03

O sociólogo, hoje, segundo Bourdieu

“Como o mundo mudou, como o mundo está em perigo, me parece um dever profissional falar. Um sociólogo que cala, ou ele não vê, não enxerga, não é competente, ou vê e se acomoda” – **Pierre Bourdieu**, sociólogo, na entrevista publicada em **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 24.

“Uma das grandes mudanças da época atual é a tendência dominante, mesmo no meio intelectual, ao conformismo” – **Pierre Bourdieu**, sociólogo, na entrevista publicada em **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 36

“Os intelectuais se acham uma categoria muito livre, mas penso que, na verdade, eles se submetem a constrangimentos e conformismos enormes, como o conformismo da boa maneira, do que é ou não chique” – **Pierre Bourdieu**, sociólogo, na entrevista publicada em **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 36 .

Habermas e os EUA

“A autoridade dos EUA está despedaçada” – **Jürgen Habermas**, filósofo alemão, no artigo “Was bedeutet der Denkmalsturz? Verschiessen wir nicht die Augen vor der Revolution der Weltordnung: Die normative Autorität Amerikas liegt in Trümmern”, **Frankfurter Allgemeine Zeitung**, 17-4-03.

Estado de exceção permanente

“Vivemos num estado de exceção permanente. Esta é a regra” – **Giorgio Agamben**, filósofo italiano, no artigo “Der Gewahrsam. Ausnahmezustand als Weltordnung”, **Frankfurter Allgemeine Zeitung**, 19-4-03.

O MST segundo Alain Touraine

“O Movimento dos Sem-Terra (MST) substituiu a Teologia da Libertação como a referência do radicalismo de esquerda no processo político brasileiro. E tenta agora converter o PT à sua ótica revolucionária sobre as transformações sociais por que deve passar o Brasil. A nova etapa de invasões de terras que o MST promove se insere nessa perspectiva e tem, portanto, um sentido mais simbólico e ideológico do que econômico ou social, haja vista a força que a reforma agrária ainda tem como expressão da justiça social no imaginário brasileiro” – essa é a “leitura” feita pelo sociólogo francês **Alain Touraine** em entrevista ao **Estado de São Paulo**, 20-4-03, segundo o relato de Napoleão Sabóia, correspondente do jornal em Paris.

Cuba Duele

“As prisões e os fuzilamentos em Cuba são boas notícias para o superpoder universal, que está louco de vontade de tirar da garganta este espinho. São notícias muito ruins, ao contrário, notícias tristes que doem muito para todos que criamos que é admirável a valentia deste país pequenino e tão capaz de grandeza, mas também cremos que a liberdade e a justiça marcham juntas ou não marcham” – **Eduardo Galeano**, escritor uruguaio, no artigo ‘Cuba duele’ – **La Jornada**, 18-4-03.

“O governo cubano comete estes atos que ‘pecam contra a esperança’” - **Eduardo Galeano**, escritor uruguaio, no artigo ‘Cuba duele’ – **La Jornada**, 18-4-03.

MEMÓRIA

Robert Merton

PAI DA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

Morreu no dia 23 de fevereiro de 2003, o sociólogo Robert King Merton, 92 anos, pesquisador que deu origem a uma das principais escolas norte-americanas da Sociologia da ciência, com trabalhos fundamentais sobre as forças psicossociais que moldam as carreiras científicas.

Merton tinha 92 anos, segundo nota publicada pela revista *The Scientist* (www.the-scientist.com). Doutor por Harvard, a maior parte de sua carreira ocorreu na Universidade Columbia (Nova York). Os trabalhos de Merton foram citados em pelo menos outros 17,5 mil trabalhos publicados.

Merton nasceu com o nome de Meyer R. Schkolnick, em uma família pobre da Filadélfia, e o americanizou depois de receber uma bolsa de estudos da Temple University.

Sob a influência de Parsons, Merton centrou-se na análise funcional da realidade e seus problemas de equilíbrio sistêmico, com o qual vinculava economia e sociologia, especialmente em dois campos: anomia social e uso empírico da estatística.

Juntamente com Carl Lazarsfeld, fundou na Universidade Columbia, o **Bureau of Applied Social Research** (Birô de Pesquisa Social Aplicada), hoje um dos “laboratórios sociológicos” mais importantes do mundo.

Entre suas obras principais estão: *Mass Persuasion* (1946), *Social Theory and Social Structure* (1957) e *The Sociology of Science* (1973).

Em português, foram publicados, entre outros, os seguintes livros: Merton, Robert K. *A Ambivalência Sociológica e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 354 p.; Merton, Robert K. *Sociologia, Teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970. 758 p.

MERTON NA FORMAÇÃO DOS SOCIÓLOGOS

IHU On-Line conversou com a Ana Mercedes Sarria Icaza, professora do Centro de Ciências Humanas da Unisinos, mestre em Sociologia, pela Universite Catholique de Louvain, U.C.L., Bélgica, sobre o aporte de Robert Merton à sociologia.

IHU On-Line - Qual é o maior aporte que o sociólogo deixou?

Ana Mercedes Icaza - Robert Merton contribui para o prestígio do que se conhece como o funcionalismo americano, desenvolvendo o que ele chamava de teorias de médio alcance, (middle-range), em assuntos como o desvio, os papéis sociais, a influência da personalidade nos grupos, assim como no campo da sociologia da ciência. Merton teve uma contribuição importante também na sociologia das organizações, principalmente tratando o tema da burocracia e dos comportamentos burocráticos. Acho interessante destacar que Merton recusou os postulados de unicidade e de integração funcional do sistema social recomendados pela antropologia funcionalista.

IHU On-Line - Que limites destacaria no pensamento do autor?

Ana Mercedes Icaza - Merton se inscreve numa perspectiva funcionalista de análise da sociedade, isto é, uma concepção que a pensa na sua unidade e harmonia, e não nas suas contradições e processos de dominação. Nesse sentido, é uma perspectiva que prioriza o estudo de “comportamentos “desviantes” de “funções e papéis” para que o sistema funcione, e é muito limitada para analisar a causa dos problemas sociais.

IHU On-Line - Por que é importante a presença do autor na formação de sociólogos e sociólogas de nossa Universidade?

Ana Mercedes Icaza - Algumas das questões tratadas por Merton são clássicas e interessantes na sociologia. Entender a perspectiva de análise funcional, a idéia de função manifesta pode permitir a compreensão de uma dimensão analítica muitas vezes desconhecida pelos estudantes. Não basta fazer a crítica ao funcionalismo. É necessário entender sua perspectiva e poder apropriar-se dos seus conceitos. Nesse sentido, acho que a perspectiva da “análise funcional” mertoniana pode ser importante para desenvolver a capacidade analítica dos estudantes.

EVENTOS IHU

ABRINDO O LIVRO

No dia 16 de abril, das 19h45min às 22h, na Sala de Seminários 2 da Biblioteca da Unisinos, iniciou o novo evento do IHU *Abrindo o livro*. Na ocasião, o Prof. Dr. Inácio Neutzling, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, PUG, de Roma, Itália, professor e pesquisador do PPGCSA da Unisinos e coordenador do Instituto Humanitas Unisinos apresentou o livro *Império* de Michael Hardt e Antônio Negri. Participaram do evento estudantes e professores de graduação e pós-graduação de diversos cursos da Universidade assim como alguns funcionários da Casa. Segundo os participantes, o evento iniciou com grande impulso e abre um espaço que a Universidade estava devendo. A próxima edição de *Abrindo o livro* será no dia 29 de maio. A obra abordada será *História da Guerra do Peloponeso*, apresentada pelo prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

ECOS DO EVENTO

“A exposição foi muito ilustrativa. O livro é de difícil acesso, eu já tinha ouvido falar dele, mas não tive até o momento oportunidade de lê-lo. O prof. Inácio tem idéias muito claras, tanto sobre a contextualização dos autores quanto sobre a visão do império que eles apresentam. Eu fiquei sabendo do evento pelo site da Unisinos, agora vejo que é muito necessário num espaço universitário ter acesso a este tipo de discussões”.

Bárbara Valle, estudante de Filosofia da Unisinos.

“Achei a figura do Prof. Inácio, emblemática. A forma poética dele colocar as idéias, seu entusiasmo agregou valor à obra. Em relação à obra, **Império**, me pareceu absolutamente atual, descreve o presente. O império, em contraponto ao senso comum, está muito mais solto, em dimensão de rede. Foi muito válida a obra **Império** e o evento *Abrindo o livro*”.

Moisés Alves de Oliveira, doutorando em Educação na Unisinos.

“Achei extremamente importante para quem quer trabalhar em pesquisa em Educação numa linha pós-moderna, como é meu caso, atualizar nossa idéia de Império, um império que não tem centro, muito diferente da idéia que trazemos desde a escola”.

Regina Tombini, mestranda em Educação pela Unisinos.

“Eu estou acompanhando os trabalhos do IHU, esta é uma novidade que fazia falta. A visibilidade de uma discussão como esta, em tempos de voz única, valoriza o debate. A diversidade de caminhos e de idéias vão tomando corpo. Parecem abrir-se vias de saída para esta quase impotência que estamos vivendo. Uma iniciativa interessantíssima, idéias claras no lugar de informações sem rumo”.

Cênio Back Weyh, professor da URI e doutorando em Educação pela Unisinos.

“Foi muito esclarecedor. No III FSM, eu assisti a palestra de Noam Chomsky e senti diferenças desta entre as idéias dele e de Negri e Hardt. Me resultou muito interessante poder entender o sentido da obra e desde ele poder fazer leituras atuais”.

Rafael Tronquini, estudante de Publicidade e Propaganda na Unisinos.

“Eu estou muito emocionada com a paixão com a que foram apresentadas as idéias nesta noite. Eu acho todos os eventos do Instituto Humanitas com a cara que eu sempre sonhei para a Unisinos. A discussão, a produção de conhecimento em coletivo, o pensar juntos, sem censura. Uma espécie de efervescência de conhecimento sem ele ser propriedade de ninguém”.

Beatriz Fisher, professora do PPG em Educação da Unisinos.

IHU Idéias

Na próxima quinta-feira, dia 24 de abril, o tema a ser debatido no último **IHU Idéias** deste mês é *Shock & Awe. O império precisa da guerra*. Quem conduz a temática é o prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do IHU e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas. O evento é aberto e gratuito. Acontece todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103, Centro de Ciências Humanas da UNISINOS.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de maio:

08/05/03 – Uma economia solidária é possível? Apresentação do livro *A outra economia* – Prof. Dr. Luiz Inácio Gaiger e Prof. Dr. Antônio David Cattani

15/05/03 – “Esquecimento e Memória do Ser. Uma reflexão a partir da obra de Henrique de Lima Vaz” – Prof. Dr. Ernildo Jacob Stein

29/05/03 – “A educação para a paz: sentidos, tensões e dilemas” - Prof. Dr. Marcelo Resende Guimarães

Ética, Religião e Sociedade sustentável

Iniciou no dia 14 a 16 de março, o primeiro módulo do *Ciclo de Estudos Ética, Religião e Sociedade Sustentável*. O evento é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com o Centro de Espiritualidade Cristo Rei (Cecrei).

O primeiro módulo teve como tema central *As Grandes Rupturas da Crise Civilizacional Contemporânea*, abordando aspectos, como a crise ecológica no início do século XXI, o atual paradigma civilizacional, o questionamento do conceito de desenvolvimento sustentável como possível resposta à crise ecológica e a construção de um novo paradigma de uma sociedade sustentável.

O ministrante do módulo I foi o Prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da UNISINOS.

O segundo módulo se realiza de 25 a 27 de abril, tendo como tema central *Desafios para a Construção de uma Sociedade Sustentável*. O coordenador e animador deste módulo será o Prof. Dr. Inácio Neutzling que contará com a participação de três especialistas e militantes do movimento ambiental. São eles Leonardo Maltchik Garcia, com o tema *A crise da água*; Luis Jacques Saldanha, com o tema *A Agenda 21. Desafios e perspectivas no Brasil e no RS*; e Matilde Cechin, com o tema *A questão ecológica e o movimento popular*.

Leonardo Maltchik Garcia é professor do PPG em Biologia do Centro de Ciências da Saúde da UNISINOS Pós-Doutor pela Universidade Autônoma de Madrid e pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Doutor em Ciências pela Universidade Autônoma de Madrid. É coordenador adjunto da *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*

Luis Jacques Saldanha, Agrônomo e Advogado, ativista do movimento ecológico desde meados da década de setenta. Foi um dos que efetivou o trabalho cooperativo dos agricultores ecologistas entre si e com os consumidores urbanos. Trabalha com educação ambiental, na prefeitura de Porto Alegre, com escolas da capital gaúcha e facilita grupos de homens no Projeto Guerreiros do Coração do Programa Guardiães do Amanhã.

Matilde Cechin é Professora e Educadora Popular, Bacharel e Licenciada em Letras Neolatinas pela PUCRS, Especialista em Língua e Literatura Francesa na Maison de France – Rio de Janeiro, Pós-graduada em Pedagogia Religiosa na Universidade de Strasbourg – França. Atualmente, é Professora no Centro de Ciências Humanas da UNISINOS. Co-autora de Livros Didáticos: **Educação Nova – ensino fundamental e médio** (proibidos pela ditadura militar brasileira); **A Nova Mulher: A Mulher Comunidade** (Vozes). Participou do Fórum Global – paralelo a ECO 92 (ONU), Women’s International Network – Roma –1995 e Forum on Women – Beijing – 1995.

O curso tem mais quatro módulos, que acontecem no decorrer de 2003, encerrando-se o ciclo de estudos em setembro. Os temas a serem abordados são *Bíblia e Sociedade Sustentável*; a

Reinvenção da Teologia da Criação; Desafios da Ética Ecológica e Cristianismo e Sociedade Sustentável.

A crise da água

A crise da água será o tema abordado pelo Prof. Dr. Leonardo Maltchik. Segundo ele, a abordagem será uma leitura crítica da água como recurso natural, como saúde, meio ambiente, agricultura, energia e o lugar que ela deve ocupar nas políticas do século XXI. O biólogo abordará um enfoque global da crise da água que se manifesta de maneira especial nos países mais pobres. “A América do Sul, por exemplo, tira 70% de toda a energia elétrica da água. Os países que têm outras riquezas, como o petróleo, por exemplo, tem meios para pagar a água, mas não é o nosso caso”, disse.

ECOS DO EVENTO

Para Maria de Lourdes Mazzuchello Zanatta, Psicóloga, especialista em Psicologia Clínica (CRP-12-00125) pela PUCRS, de Içara (SC), e uma das alunas do Curso, a experiência do primeiro módulo abriu novos horizontes na compreensão do momento atual.

“Está sendo um momento de repensar sobre nosso tempo. A crise civilizacional por onde caminha a humanidade. E isso acontece num espaço muito interessante de partilha com profissionais de diversas áreas. Estamos vivendo um momento de loucura histórica, uma transição paradigmática. Devemos pensar mais essas rupturas a partir da crise ecológica. Precisamos construir uma nova humanidade agora. O conhecimento do ministrante é oceânico. Ele tem uma leitura do momento atual que abre a uma contextualização muito realista. Devemos pensar o novo que deve começar hoje para contribuir com o planeta que grita. Eu sai do primeiro módulo do curso com a compreensão de que tudo está interligado. Atualmente a psicologia está preocupada em repensar a ética e criar um novo código de ética. Mas não adianta pensar no espaço reduzido de um consultório, temos que nos abrir a isso desde a relação com o planeta. O curso me abriu a sensibilidade para ouvir o grito do planeta, o grito da desigualdade. Abriu-me a um momento novo no sentido de me interpelar mais na minha responsabilidade social. Todos os profissionais que ali estamos nos sentimos questionados nesse sentido. Eu até fiz várias cópias do relatório do curso para alguns amigos e entrei em contato para publicar algo no jornal da minha cidade. Uma vez que se toma contato com todas essas coisas, é impossível não socializá-las”.

CICLO DE PALESTRAS SOBRE O IDOSO TEM MAIS DUAS SESSÕES NESTE MÊS

Dando continuidade à programação do Ciclo de Palestras sobre o Idoso, que aborda a temática da Campanha da Fraternidade deste ano, a comunidade universitária ainda pode participar de mais duas palestras neste mês de abril. Dia 28, das 8h30min às 11h, no Auditório Central, Centro de Ciências Humanas, o tema a ser abordado pela prof^a. MS Olga Fresia Collinet Heredia é *Aspectos demográficos sobre o Idoso*. Já no dia 30 de abril, das 19h30min às 22h, no Auditório Central, será debatido o tema *Aspectos religiosos e étnicos dos conceitos e preconceitos do envelhecimento*, com auxílio da prof^a. MS Matilde Cechin, do Centro de Ciências Humanas.

A promoção é do Instituto Humanitas Unisinos e do Centro de Ciências Humanas.

IHU REPÓRTER

IHU Repórter traça o perfil de:

Antonio Joceli Rodrigues

O operador de câmera/cinegrafista da TV Unisinos, Antonio Joceli Rodrigues, é amigo do Instituto Humanitas Unisinos. Ele está sempre registrando com sua câmera os momentos marcantes dos eventos promovidos pelo IHU, além de ter grande sintonia com o trabalho do Instituto. Apaixonado por televisão e defensor da independência pessoal, Antonio fala um pouco de sua vida na edição de hoje.



Origem e família – Nasci em Minas do Butiá, na região carbonífera do Estado, próximo ao município de São Jerônimo. Quando eu tinha dois anos, minha família veio para São Leopoldo e desde então vivo aqui. Sou filho único, mas nunca aceitei “mimo” dos meus pais. Nossa relação é tranqüila, e cada um respeita seu espaço. É claro que o cuidado que eles têm por mim é dobrado, além do carinho e da orientação. Mas sempre fiz questão de manter a minha independência.

Formação – Sempre estudei em escola pública. Quando estava terminando o ensino médio, fiz inscrição para o vestibular da UNISINOS no último dia e na última hora. Passei na primeira opção: Jornalismo. Em 1993, ingressei na Universidade. No final deste ano, irei formar-me.

Profissão – Desde o ensino médio, fui convicto do que queria. A paixão pela televisão é evidente em mim. Sempre fui uma pessoa dinâmica, elétrica, não consigo ficar parado. Não conseguiria trabalhar num escritório fechado. Preciso de movimento, de pessoas, de agitação. Hoje sou operador de câmera e cinegrafista. Mas minha meta é passar de detrás das câmeras para a frente delas, seja como repórter ou apresentador. Eu penso que ser cinegrafista não é um posto inferior. Todos os jornalistas deveriam passar por essa etapa também. É uma caminhada que leva ao aprendizado completo.

Ingresso na Unisinos – Conversei com o professor Liceo Piovesan, que me dava aula de Introdução à TV. E ele me ajudou a ingressar na UNISINOS. Entrei como estagiário de meio período no extinto SAVI – Sistemas de Áudio e Vídeo da Universidade. O estágio durou 4 meses e fui efetivado, ainda trabalhando meio período. Paralelamente, estagiei na empresa Trensurb, de Porto Alegre, durante 4 anos. Há dois anos, com o surgimento da TV Unisinos, o SAVI foi levado para o departamento técnico da TV e desde então trabalho lá.

Autor – Érico Veríssimo.

Livro – O Xangô de Baker Street, de Jô Soares.

Filme – Gosto de filmes de ação. Todos do Agente 007, por exemplo.

Um presente – Roupas.

Um grande sonho – Ir para a frente do vídeo. Queria experimentar esse lado.

Uma paixão – Minha casa.

Momento feliz – Cada etapa vencida, cada meta atingida.

Unisinos – Minha segunda casa. Trabalho e estudo aqui. É onde eu desenvolvo meu conhecimento.

IHU – Faz parte dessa grande Universidade. Executa um excelente trabalho e destaca-se muito bem no que faz. Este espaço cedido no IHU On-Line é importante, porque leva o nome da comunidade universitária para dentro e fora do Campus.

TV Unisinos – Meu presente e meu futuro. Quero usufruí-la ao máximo. Agora com a abertura do canal para a rede aberta de televisão, a relação de proximidade entre a Universidade, a comunidade e o meio de comunicação fica muito maior.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

O Império e a Paz

Nos dias 14 a 16 de abril, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – juntamente com a Universidade Federal do Paraná e outros movimentos sociais do Paraná, promoveu, em Curitiba, PR, uma Semana de Debates com o título O Império e a Paz. No dia 14, o conferencista foi o ex-deputado constituinte Plínio de Arruda Sampaio. No dia 15, o conferencista foi Inácio Neutzling, coordenador do IHU, tendo como tema O Império e a Paz. Para onde caminha o movimento anti-globalização? No dia 16, o conferencista foi João Pedro Stédile tendo como tema O movimento social brasileiro. A luta contra a Alca e o latifúndio. Na oportunidade foi lançada a Cátedra Unesco Cultura da Paz. Mais de 800 pessoas lotaram o Teatro da Reitoria da UFPR.

CEPAT

No dia 15 de abril, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, participou, em Curitiba da reunião da diretoria do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

INTERATIVO

Cartas do Leitor

Parabéns pelo excelente trabalho e pela publicação. Realmente, IHU On-Line vem desempenhando o papel de fazer com que discutamos os temas mais importantes do momento.

*Um abraço,
Pe. Pedro Gilberto Gomes, sj
Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa da Unisinos*

Gostaríamos que fosse incluído entre a lista dos recebedores do IHU On-Line o seguinte endereço, para ser mais um dos enriquecidos pelas vossas reflexões, que é do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão. Obrigada e votos de Feliz Páscoa!

*Abraços,
Ir. Nelcy
Sociedade Sulina Divina Providência*

Prezados amigos,

Leitor assíduo desse hebdomadário digital, tomo a liberdade de sugerir a "Estação Poesia". Toda semana, uma poesia. Das boas! Anexo uma contribuição do grande Paul Éluard. Mas pode ser Cecília Meireles, Drummond, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Pessoa, Camões, são incontáveis... Pode ser, também, um trecho de prosa poética como tantas belas narrativas de Riobaldo/Guimarães Rosa em "Grande Sertão: Veredas", por exemplo. Bom trabalho!

Cristóvão Feil

Meu Clássico

O clássico escolhido pelo Prof. Dr. José Ivo Follmann é Max Weber. Follmann é doutor em Sociologia, pela Université Catholique de Louvain, U.C.L., Bélgica; mestre em Ciências Sociais, pela PUC-SP; especialista em Teologia Pastoral, em Cooperativismo e em História Contemporânea, pela Unisinos. Atualmente, é diretor do Centro de Ciências Humanas da Unisinos, professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas e responsável pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e Ecumenismo, GDIREC, do Instituto Humanitas Unisinos.

MAX WEBER

Eu não me considero um weberiano, mas devo dizer que Max Weber influenciou muito minha sociologia. Ele é um dos meus clássicos.

Max Weber é do final do século 19 e inícios do século 20. É um dos pais da Sociologia. Ele fez escola, combatendo, de certa forma, a grande influência que Karl Marx tinha no meio intelectual. Era um homem que congregava, em torno de si, um importante debate político e

científico. Seus maiores inspiradores foram, certamente, Rickert, Dilthey, Nietzsche, Lamprecht, Schmoller e outros. Os seus colegas mais próximos foram Simmel, Tonnies, Troeltsch e Schumpeter. Ele teve fortes embates com o pensamento de Marx, por um lado, e de Durkheim, por outro. Criticado por uns e aprofundado por outros, o seu pensamento marcou a Sociologia. Tive muito contato com o modo como Weber é utilizado tanto por Pierre Bourdieu, como por Alain Touraine e também pelos que hoje trabalham a questão do sujeito e da dinâmica pessoal na sociologia, como Guy Bajoit, Jean Remy (que foi meu orientador no doutorado) e outros.

Suas obras

As duas obras que eu citaria são: ***O sábio e a política*** e ***A ética protestante e o espírito do capitalismo***. Em ***O sábio e a política***, que é a reprodução de uma das grandes conferências que ele costumava dar no meio acadêmico, aborda a complicada relação entre o ser militante político e o ser cientista. Já na obra ***A ética protestante e o espírito do capitalismo***, Weber sintetiza, em um exemplo paradigmático, a sua contribuição teórica que quer mostrar o quanto os modelos culturais e determinações éticas (e religiosas) impactam e influenciam os rumos da economia.

Max Weber e José Ivo Follmann

Weber é um clássico que muito contribuiu para a minha maneira de fazer sociologia, apesar de eu não poder ser considerado um weberiano, nem poder dizer que ele é meu autor preferido. Eu destacaria, na contribuição de Weber para a minha vida (de cientista e militante), exatamente a sábia distinção e, ao mesmo tempo, a coerência que ele estabelece entre o cientista e o militante. Agregado a isso está a distinção que ele faz entre a ética de responsabilidade e a ética de convicção. Trata-se de duas dimensões que se complementam. Quanto mais alguém souber integrar, harmonicamente, em sua vida, essas duas dimensões, mais pleno ele se faz como pessoa humana. Devo dizer, que esta luz de Max Weber, me ajudou muitíssimo, na minha vida pessoal de cientista e militante; de sociólogo e de religioso jesuíta; de técnico e de humanista.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail nas segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. **Coordenador do IHU:** Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Profª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montaño e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS